



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**A mudança do perfil da torcida ao longo da história do  
Maracanã**

**Leonardo Achão Barreto**

Rio de Janeiro  
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

## **A mudança do perfil da torcida ao longo da história do Maracanã**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social – Jornalismo.

**Leonardo Achão Barreto**

**Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior**

**Coorientador(a): Prof. Me. Flávio Nehrer**

Rio de Janeiro

2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

BARRETO, Leonardo Achão

A mudança do perfil da torcida ao longo da história do Maracanã.  
Rio de Janeiro, 2019.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo),  
Escola de Comunicação – ECO –, Universidade Federal do Rio de  
Janeiro – UFRJ.

Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Júnior

Coorientador: Flávio Nehrer

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **A mudança do perfil da torcida ao longo da história do Maracanã**, elaborada por Leonardo Achão Barreto.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior  
Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Expressão e Linguagens – ECO – UFRJ

Coorientador(a): Prof. Flávio Nehrer  
Mestre em Comunicação pela Faculdade de Comunicação - UERJ  
Departamento de Expressão e Linguagens - ECO/UFRJ

Prof. Dr. Eduardo Refkalefsky  
Doutor em Ciências Sociais Aplicadas pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Métodos e Áreas conexas – UFRJ

Prof. Dr. Leila Leal Salim  
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRN

Rio de Janeiro

2019

Dedico este trabalho a todos os torcedores que têm seus clubes como parte fundamental de suas vidas. Vocês são os verdadeiros donos do espetáculo e fazem o futebol ser o que é.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente queria agradecer ao meus pais, Antônio Carlos Duarte Barreto e Patricia Ocirema Achão, pois sem eles eu não teria condições de estudar na UFRJ e sei de todo o sacrifício que fizeram para que eu pudesse entrar e permanecer na maior federal do Brasil.

Agradeço também a minha irmã, Beatriz Achão Barreto, que sempre esteve presente na minha caminhada até aqui e nunca deixou de me apoiar. Obrigado, Bia.

Talvez quem saiba mais o quanto eu penei para fazer essa monografia seja minha namorada, Rhebeca Martins Macedo. Ela esteve de perto durante toda a produção deste trabalho, ficou sabendo das minhas dúvidas, aflições, dos meus avanços e, mesmo tendo mil outras coisas para fazer, estava disposta a me ajudar a todo tempo. Sem ela essa monografia não sairia. Obrigado, meu amor.

Não posso esquecer de quem esteve ao meu lado durante essa caminhada acadêmica dentro da UFRJ. Obrigado Cândida Andrade, Luciano Ferreira, Mariana Fornacciari, Marina Pavan, Rhangel Carvalho, Rodrigo Castro e Thomás Goulart. Sem vocês essa jornada não teria graça, vou leva-los sempre no coração. Agradeço por todas as conversas, as risadas e aprendizados. Também agradeço ao amigo Bruno Martins, que quando ficou sabendo do tema desta monografia prontamente se colocou à disposição para ajudar indicando textos, autores e até me enviando seu TCC. Valeu, Bubu.

Meus mais sinceros agradecimentos também aos professores Fernando Ewerton e Flávio Nehrer, pessoas que foram fundamentais para a produção desta monografia. Obrigado pelos ensinamentos, dicas, correções e conversas.

Por último, mas não menos importante, deixo meu obrigado à professora Leila Salim e ao professor Eduardo Refkalefsky. Sou muito grato por terem aceitado fazer parte da minha banca. À professora Leila, ainda agradeço pelos conhecimentos ensinados nas aulas de Teoria II e Antropologia. Aprendizados que vão além do campo acadêmico e ficam para a vida.

Não é só futebol  
AUTOR DESCONHECIDO

BARRETO, Leonardo Achão. **A mudança do perfil da torcida ao longo da história do Maracanã.** Orientador Fernando Ewerton Fernandez Júnior. Coorientador: Flávio Nehrer. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo entender como as torcidas que marcaram ou marcam presença no Maracanã mudaram ao longo dos últimos 69 anos. Para atingir essa meta foi feito um resumo da história do maior estádio do Brasil, almejamos caracterizar e explicar o torcedor, além de termos dividido as torcidas em quatro grupos: Pré-Maracanã, Charangas, Torcidas Jovens e Sócio-torcedor. A metodologia usada no trabalho majoritariamente foi a revisão bibliográfica. O resultado do estudo mostra que a torcida é um reflexo da sociedade, ela espelha elementos da economia, da política e da mídia. E também compreendemos que assim como os torcedores, o Maracanã também sofre a influência desses fatores e são eles os principais responsáveis por suas modificações durante o tempo.

**Palavras-chave:** Maracanã; torcida; Rio de Janeiro; identidade; futebol



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comparação do preço dos ingressos entre países .....	47
Tabela 2 – Comparação dos preços dos ingressos em relação ao salário mínimo .....	47
Tabela 3 – <i>Break-even</i> dos times .....	48
Tabela 4 – Produtos adicionais do programa de Sócio-Torcedor do Botafogo .....	49
Tabela 5 – Planos de Sócio-Torcedor do Fluminense .....	51
Tabela 6 – Planos de Sócio-Torcedor do Flamengo .....	52
Tabela 7 – Planos de Sócio-Torcedor do Vasco .....	54

# SUMÁRIO

## **1. Introdução**

## **2. Um templo desfigurado**

## **3. Torcedor: um louco, um amante ou um animal?**

## **4. Torcida e Maracanã**

4.1. A torcida pré-Maracanã

4.2. Charangas: as primeiras torcidas organizadas

4.3. A decadência dos chefes de torcida e o surgimento das Torcidas Jovens

4.4. Sócio-torcedor: a criação de torcedores consumidores?

## **5. Conclusão**

## **6. Referências Bibliográficas**

## 1 – Introdução

O futebol é o esporte mais popular do Brasil. Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2018 apontou que 110,4 milhões de brasileiros acima de 16 anos torcem para um time<sup>1</sup>. Uma porcentagem de 69,12% em relação ao número total de 159,7 milhões de pessoas dessa faixa etária. Além disso, a modalidade movimentou altas cifras por aqui, em 2018 os clubes brasileiros faturaram 5,26 bilhões de reais<sup>2</sup>. Tendo em vista esses números podemos ter uma noção melhor da importância do futebol em terras tupiniquins.

Além de muito dinheiro, o futebol envolve amor, paixão, fidelidade, companheirismo e deve ser por isso que é tão popular. As pessoas são capazes de loucuras por causa de seus times: viajam milhares de quilômetros, se endividam e até perdem seus empregos.

Algumas pessoas têm o futebol como uma religião e, sendo assim, não há dúvidas de que o Maracanã é o templo dos torcedores cariocas. Torcedor e Maracanã são duas coisas inseparáveis na capital fluminense. Não tem como analisar, pensar, estudar uma parte sem a outra. Foi o Gigante de Concreto que permitiu que as torcidas do Rio de Janeiro se tornassem o que são hoje, a construção de um estádio com proporções elevadas mudou todos os parâmetros da época e deu início a uma nova era.

Este trabalho tem o intuito de entender como essa relação entre torcida e Maracanã foi criada e como ela se deu durante os anos até chegar aos dias atuais. Um tema que sempre me despertou muito interesse, porque também sou um fanático pelo esporte bretão. Nascido no interior do estado, ver aquela massa dentro de um estádio monumental sempre me encheu os olhos, com o decorrer da vida optei por cursar Jornalismo para poder estar perto do futebol e a possibilidade de morar na capital fluminense era um presente para mim, pois poderia frequentar o “Maior do Mundo” mais vezes. Penso que só isso seria suficiente para explicar o porquê de querer fazer uma monografia sobre o tema “torcida e Maracanã”. Mas o destino foi bom comigo e fez com que eu conseguisse trabalhar com Jornalismo Esportivo, o que me fez prestar ainda mais atenção no assunto, além de me dar outra perspectiva sobre ele.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.foxsports.com.br/blogs/view/376900-bueno-hora-de-atualizar-as-torcidas-dos-times-nacionais>. Acesso em: 19 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://exame.abril.com.br/marketing/os-times-de-futebol-que-mais-faturaram-em-2018-palmeiras-lidera/>. Acesso em: 19 de junho de 2019.

Um outro ponto que foi determinante para a escolha desse tema foi buscar entender de onde vinha essa paixão do brasileiro pelo futebol. Queria compreender como as pessoas eram capazes de fazer tanto sacrifício por algo que para alguns parece ter nenhuma relevância. Afinal, quem nunca ouviu as frases “são só 22 homens correndo atrás da bola” e “eles estão ganhando um rio de dinheiro, mas quem está sofrendo é você”. Queria entender o que leva essas pessoas a criarem um sentimento tão forte e profundo por seus times. E as razões para eu querer escrever sobre esse tema não param por aqui.

Resolvi colocar a ideia no papel também, porque acredito que o tema “torcida e Maracanã” deve ir além dos programas de televisão, das páginas de jornais e das mesas de bar. É preciso que o tema seja estudado para que problemas como a violência no futebol e a gentrificação dos estádios, que serão abordados neste trabalho, sejam solucionados. E que eles sejam não só explorados no ensino superior, mas também em níveis mais altos de graduação, como mestrado e doutorado. As pesquisas feitas pela Escola de Leicester sobre os *hooligans* na Inglaterra, por exemplo, foram muito importantes para o combate à violência no país. No Brasil pode ser observado um crescimento de estudos nessa área, porém ainda é pouco e a grande maioria se encontra na graduação.

Acreditando que para entendermos melhor o presente é preciso estudar o passado, falarei como a relação entre Maracanã e torcida foi acontecendo no decorrer dos anos. O trabalho busca explicar quais fatores interferiram nessa relação e quais foram suas consequências. O estudo ainda tenta entender o que define os torcedores, quais são suas características, o que os estimulam, como agem e porque tomam determinadas decisões.

Para atingir esses objetivos o método majoritariamente usado foi o de revisão bibliográfica. No entanto, a pesquisa foi além de livros, teses acadêmicas e monografias; ela também se apropriou de matérias jornalísticas e de uma entrevista que surgiu a partir da conversa do autor deste trabalho com um colega de profissão sobre o tema.

O estudo foi dividido em cinco capítulos. A penúltima parte do trabalho, devido ao seu tamanho e à diferença entre os temas que tratará, foi repartida em subcapítulos: A Torcida pré-Maracanã; Charangas: as primeiras torcidas organizadas; A decadência dos chefes de torcida e o surgimento das torcidas jovens; e Sócio- torcedor: a criação de torcedores consumidores?

O primeiro capítulo, apresenta as intenções do trabalho, a metodologia utilizada, as motivações e, de forma breve, as outras partes do estudo.

Já a segunda seção irá abordar a história dos 69 anos do Maracanã. Ela explicará como o estádio foi construído, revelará quais eram as discussões que haviam no início das obras, mostrará o porquê de ser edificado na região onde foi, falará das reformas pelo qual passou, mostrará seus números ao longo do tempo, até chegar aos dias atuais, onde será apresentado o atual modelo de gestão. E lógico, também tentará mostrar porque é um dos estádios mais conhecidos do mundo. Para dar conta desses tópicos foram utilizados o livro “Maracanã, meio século de paixão” do renomado jornalista João Máximo, e matérias jornalísticas.

O terceiro fragmento do trabalho procurará explicar o que é o torcedor, quais são suas características, como agem, quem são e o que os influenciam. Para isso utilizará obras acadêmicas de Sociologia, Antropologia e Comunicação. E assim serão apresentados os conceitos de comunidade imaginadas de Benedict Anderson – que procura explicar como as pessoas criam laços afetivos entre elas sem se conhecerem - da torcida como reflexo da sociedade de Da Matta – que tenta explicar os torcedores através de ingredientes do nosso cotidiano - e da cultura de massa na era contemporânea de Sloterdijk – que traz uma nova visão sobre o conceito frankfurtiano relacionando elementos mais novos ao tema, como o entretenimento. Nesta parte da monografia também será explicado o surgimento do termo torcedor, ou melhor, torcedora, que aconteceu através da observação de senhoras e moças que torciam seus lenços durante os antigos *matches*.

O capítulo Torcida e Maracanã é o maior de todos, pois procurará demonstrar como se deu o processo de mudança das torcidas desde o período pré-Maracanã até hoje. Nesta parte temas como chefes de torcida, charangas, torcidas organizada, torcidas jovens e sócio-torcedor serão debatidos através da apresentação de números, de relatos, de fragmentos de livros e de textos acadêmicos. E poderia até ser maior, mas ficou entendido que falar de mais torcidas como a Loucos do Botafogo ou a Bravo 52 do Fluminense, que são inspiradas nas *barras bravas* argentinas, ou dos geraldinos<sup>3</sup>, que eram torcedores marcantes do antigo Maracanã, deixaria o trabalho muito extenso. Lembrando que uma pessoa pode estar inserida em mais de um conceito apresentado, por exemplo: um indivíduo podia assistir alguns jogos na charanga e outros na torcida jovem. Logo, percebemos também que um novo jeito de torcer não acaba com o anterior necessariamente.

---

<sup>3</sup> Torcedores que tinham o costume de assistir aos jogos da geral do Maracanã.

Os fragmentos escolhidos para serem retratados na quarta etapa do trabalho foram selecionados por sua importância e influência na história do estádio. Neste trecho, onde foi tentado mostrar a evolução da torcida ao longo do tempo, foram usadas duas obras de Hollanda, fragmentos de textos de Malaia, de Toledo e de Melo, além de algumas monografias produzidas na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre o tema. Além disso, é importante destacar algumas discussões que serão levantadas no trecho como: a popularização do futebol, a mudança de tratamento do torcedor depois da construção de estádios maiores, a origem das primeiras organizadas, a decadência dos chefes de torcidas, o surgimento das torcidas jovens e a sua vinculação a violência, a criação do sócio-torcedor e a elitização das praças esportivas.

O primeiro subcapítulo da quarta seção do trabalho mostrará como o futebol se tornou tão popular e deixou o remo e o turfe para trás, além de apresentar a torcida em seus primeiros passos no Brasil. O subcapítulo seguinte falará dos chefes de torcidas como Jaime de Carvalho, Tarzan, Paulista e Tia Aida, figuras importantíssimas no início das torcidas no futebol: foram eles os responsáveis por liderarem os primeiros grupos organizados para apoiar seus times, as chamadas charangas. A terceira parte do capítulo “Torcida e Maracanã” mostrará como as charangas começaram a ser questionadas, assim como os “torcedores símbolos”. Querendo maior liberdade de expressão e autonomia, os integrantes mais jovens desses grupos se rebelaram e criaram as torcidas jovens, organizações que ficaram marcadas pela violência. Em resposta às “jovens” surge o sócio-torcedor, que será o objeto do último fragmento do quarto capítulo. Nesta parte será explicado porque esta iniciativa surge, mostrando quem são as pessoas que fazem parte destes planos e quais são suas consequências, entre elas a elitização das praças esportivas.

Já o último trecho da monografia procurará mostrar as conclusões tiradas do trabalho e o que ele deu conta ou não de demonstrar. Nele também são apontadas outras possibilidades de estudo na mesma área.

É desta maneira e usando os recursos citados acima que o trabalho procurará entender como a torcida vem evoluindo desde antes de 1950 até hoje e como esse processo teve influência sobre o Maracanã. Não foram utilizadas entrevistas individualizadas com torcedores e personagens marcantes do antigo maior estádio do mundo, porque a ideia é ver a torcida como um grupo. Cada torcedor possui seus jeitos de expressar seu amor pelo seu clube e fazer uma pesquisa em cima disso resultaria num campo muito amplo de

informações que precisaria ser recortado, então foi preferido trabalhar com divisões já existentes na área e que já foram analisadas.

## 2- Um templo desfigurado

O Maracanã é o maior símbolo do esporte brasileiro. O estádio sediou as Copas do Mundo de 1950 e 2014, o primeiro Mundial de Clubes da FIFA em 2000, a Copa das Confederações em 2013, os Jogos Pan-americanos de 2007 e as Olimpíadas de 2016. Fora finais de campeonatos nacionais e outras tantas de estaduais, além de ter sido o palco do milésimo gol de Pelé. Isso somente no futebol. O Gigante de Concreto também já serviu como espaço para shows, como no Rock in Rio de 1991, recebeu o Papa João Paulo II em 1997, e foi local de prova para milhares de vestibulandos.

A construção do Maracanã começou em 1948, mas o sonho de ter um estádio de grandes proporções na Capital Federal era mais antigo. Em 1938, quando o Brasil fez uma boa campanha na Copa da França, começou a vislumbrar-se uma grande praça esportiva no Rio de Janeiro. Na época, o maior estádio do Rio era o do Vasco. São Januário tinha capacidade para mais de 30 mil pessoas.

Em 1939, a ideia brasileira de sediar um mundial e possivelmente construir um estádio ganhava força. Naquele ano, o país até chegou a receber uma visita de Jules Rimet, idealizador da Copa do Mundo, que veio avaliar as condições do Brasil para receber o torneio. No entanto, enquanto o francês estava em terras tupiniquins a Segunda Guerra Mundial estourou, adiando os planos brasileiros e de Rimet. Além disso, as competições de 1942 e 1946 foram canceladas. O mundo só voltaria a ver as maiores seleções do futebol reunidas novamente em 1950.

E foi exatamente para a Copa do Mundo de 1950 que o estádio Mario Filho - nome oficial do Maracanã desde 1966 - foi construído. A decisão de que o Brasil seria a sede da primeira Copa do Mundo depois da Segunda Grande Guerra Mundial aconteceu em 1946, em Luxemburgo, com data marcada inicialmente para 1949. A partir daí, o Brasil tinha que começar a se preparar para receber um dos eventos mais importantes do cenário internacional e que ia muito além do futebol. Era uma forma de mostrar o país para o mundo e uma maneira de se afirmar como nação.

Na época, o Brasil tinha apenas um estádio com grande estrutura, o Pacaembu<sup>4</sup>, em São Paulo, que tinha capacidade para 70 mil pessoas. Então, era necessário que mais praças esportivas com condições de sediar jogos de Copa do Mundo fossem construídas. E obviamente a Capital Federal deveria ter seu palco.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,estadio-do-pacaembu-comemora-75-anos-cheios-de-historias,1676396>. Acesso em: 18 de abril de 2019.



Mas seria construído um novo estádio ou algum já existente seria ampliado? Quem seria o encarregado por suas obras? A questão sobre qual esfera política seria responsável pelo palco carioca para o Mundial se dava entre os governos federal e municipal. De um lado, o Ministério da Saúde e de Educação, liderado por Clemente Mariani; e de outro, a prefeitura de Hildebrando de Araújo Góes. O impasse acontecia porque nenhum dos dois queria assumir o compromisso com uma obra que teria um custo muito elevado. Contudo, uma disputa um pouco descabida, porque como o Rio de Janeiro era a Capital Federal, tanto o ministério quanto a prefeitura ficavam na mesma cidade e sob a tutela do presidente, que no momento era Getúlio Vargas.

No final, a responsabilidade por garantir um estádio no Rio de Janeiro para receber a Copa do Mundo ficou a cargo da prefeitura. Na época, como citado, a Capital Federal tinha como seu maior estádio São Januário, que possuía uma capacidade pequena para as pretensões do governo brasileiro. Hildebrando Goés ainda pensou em reformá-lo e acrescentar mais lugares, mas “a alternativa revelou-se insatisfatória – os custos da obra e a necessidade de desapropriar os imóveis dos moradores da Barreira do Vasco eram alguns argumentos usados contra a ideia”. (MOURA apud NETO, 2014, p. 11).

Com São Januário descartado, iniciou-se a discussão em torno de uma alternativa e o sonho da construção de um novo estádio no Rio de Janeiro passou a ganhar vida. Estimulado ainda por um sentimento de crescimento, de urbanização e patriotismo, o projeto começou a sair do papel.

Mas então surgia outro problema: onde seria construído o novo estádio? Assim como uma nova questão apareceu, um novo personagem também apareceria na história: Ângelo Mendes de Moraes, que no dia 6 de junho de 1947 foi nomeado prefeito do Rio de Janeiro para o lugar antes ocupado por Hildebrando Goés. De acordo com Máximo (2000), o novo prefeito da cidade defendia a construção do palco carioca para a Copa do Mundo no bairro do Maracanã, no local do antigo hipódromo Derby Club, que estava sendo utilizado para guardar materiais bélicos e ferro-velho. Já o jornalista e vereador Carlos Lacerda foi um dos principais opositores da construção do estádio no bairro da Zona Norte carioca. Para o político, além de uma arena para o futebol, deveria também ser construída uma Vila Olímpica em Jacarepaguá, para estender e povoar a cidade. E ainda havia os políticos de esquerda, que só aprovavam a construção da nova praça esportiva se fossem feitos novos espaços para a prática de esporte no subúrbio. Quem saiu vitorioso desse imbróglio foi

Ângelo Mendes de Moraes. E em 29 de outubro de 1947, foi aprovada na Câmara a construção do Maracanã, através do projeto de lei 161-B.

Ângelo, para sair vencedor da disputa contra Lacerda contou com uma grande ajuda. Mário Filho, um dos jornalistas mais respeitados até os dias atuais, também era um entusiasta da criação do novo estádio no bairro do Maracanã. O escritor, que trabalhou no “O Globo” e fundou “Jornal dos Sports”, apoiava fortemente a construção da nova praça esportiva em uma região mais central da cidade. Filho ainda ressaltava que o novo estádio deveria ser próximo a população, e por isso deveria se edificado em um local de fácil acesso.

Desde o começo das obras do estádio, o caráter popular tão falado por Mário Filho começou a ser verificado e ressaltado pela imprensa e pelas autoridades envolvidas no projeto. Os próprios empregados da obra eram quem checavam a qualidade do serviço, eles se juntavam e pulavam juntos imitando uma torcida para testar o trabalho concluído. Máximo, em um trecho de seu livro, relata a relação de crianças, como ele, que moravam perto do Maracanã e iam constantemente fazer visitas a obra do estádio:

A partir de 1948, ganhamos uma diversão nova: ir a pé até o Derby Club, todos os sábados, antes da pelada, para testemunharmos a construção, pedra por pedra, do maior estádio do mundo. Um programa. Só quem viveu aquilo, a sensação de ver o Maracanã tomar forma, lentamente, à medida que a Copa do Mundo se aproximava, sabe o que significavam para aqueles meninos as “visitas de inspeção” de todos os sábados: era o nosso mais novo lazer. (MÁXIMO, 2000, p.19)

O Maracanã demorou aproximadamente dois anos e meio para ficar “pronto”. A pedra fundamental do estádio foi lançada em 20 de janeiro de 1948 e seus dois eventos de inauguração aconteceram em junho de 1950. O primeiro ocorreu no dia 16: uma cerimônia fechada para políticos e autoridades envolvidas no projeto. Era ano de eleição no Brasil e muitos dos homens públicos que estavam presentes queriam usar a imagem do recém-nascido Templo do Futebol para conseguir votos. Já a segunda “estreia” do Gigante do Derby foi no dia seguinte e teve um tom diferente, além de ser aberta ao público. Estima-se que aproximadamente 80 mil pessoas das mais diversas classes sociais tenham ido ao estádio para acompanhar o amistoso entre as seleções dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, que terminou 3 a 1 para os paulistas. Didi, atuando pelo esquadrão carioca, foi o primeiro jogador a balançar as redes do Maracanã. É importante destacar também que o palco da final da Copa do Mundo de 1950 foi inaugurado ainda inacabado; em sua abertura ainda havia andaimes espalhados e vergalhões à mostra.

O estádio projetado por Rafael Galvão, Antônio Dias Carneiro, Orlando da Silva Azevedo e Pedro Paulo Bernardes Bastos tinha espaço para 183.324 pessoas. A distribuição dos lugares aconteceu da seguinte forma: 120 mil torcedores veriam o jogo das arquibancadas, 32 mil da geral, 25 mil das cadeiras cativas e numeradas, 3.319 das cadeiras perpétuas ou especiais, 2.100 dos camarotes, 831 da tribuna da imprensa e das cabines de rádio e 74 da tribuna de honra. A capacidade do estádio correspondia a quase 10% da população carioca da época, mas não era só isso que impressionava:

[a área reservada para o Maracanã foi de aproximadamente] 200 mil metros quadrados, sendo 130 mil destes ocupados pelo estádio propriamente dito[...] A construção ainda contava com a ousada forma elíptica com 317 metros no eixo maior, 279 no menor e um perímetro de 945; a marquise, sem pilastras a prejudicar a visibilidade do torcedor, estendendo-se por 30 metros na direção do campo, o que deixava quase metade da arquibancada protegida da chuva e do sol. [...] Ao todo foram 665 dias de trabalho, mais de 10 mil operários envolvidos. Falava-se pouco no dinheiro gasto, algo em torno de 13 milhões de dólares, montante difícil de corrigir em termos atuais, mas pouco significativo na época para a importância da obra. Falava-se com orgulho do material usado: 500 mil sacas de cimento (empilhadas dariam dois Pães de Açúcar), 10 mil toneladas de vergalhões de ferro (unidos um ao outro, teríamos o equivalente a uma volta e meia em torno da Terra), 60 mil metros cúbicos de pedra e 45 mil de areia (os 80 mil do concreto resultante bastavam para construir uma fileira de dez prédios de dez andares, num dos lados da Avenida Rio Branco), 650 mil metros quadrados de madeira (o suficiente para encaixotar três edifícios de “A noite”, o maior prédio da cidade). (MÁXIMO, 2000, p. 33)

Vale lembrar que Maracanã não é o nome oficial do Templo do Futebol. Primeiramente ele foi batizado como Ângelo Mendes de Moraes. No entanto, o prefeito perdeu a simpatia da população ao discursar duramente antes da final da Copa do Mundo entre Brasil e Uruguai, quando disse as seguintes palavras: “Jogadores brasileiros, a batalha do Campeonato Mundial se compunha de duas partes. A primeira, a construção do estádio e ele aí está. A segunda a vitória do Brasil no Campeonato. O governo municipal na parte que lhe competia, cumpriu com o seu dever. Brasileiros, cumpram com o vosso”. O final todos já sabem: a seleção brasileira perdeu de virada por dois a um para os uruguayos, no episódio que viria a ser conhecido como “Maracanazzo”.

Em 1966 morre Mário Filho. E a partir do seu falecimento, seu irmão e também jornalista, Nelson Rodrigues, começou a fazer uma campanha para que o Maracanã tivesse como denominação oficial o nome de Mário. A importância do escritor na concepção da nova praça esportiva como um elemento da identidade brasileira e do seu valor quanto ao

caráter popular pesaram a seu favor, e devido a isso, o maior estádio de futebol do mundo, até então, passou a levar seu nome.

Já o apelido Maracanã foi dado devido à localização do estádio no bairro que tem o mesmo nome. O termo tem origem indígena, mais especificamente tupi-guarani, e nomeia uma espécie de papagaio que reproduz um barulho semelhante ao de um maracá, um tipo de chocalho, ao raspar seu bico em cascas de frutas em busca de comida.

Abraçado pelo povo que tornou hábito ver partidas de futebol *in loco* aos domingos, o Maracanã seguiu seus primeiros anos imponente e foi se tornando cada dia mais importante na vida do cidadão carioca. A cada ano que passava, o estádio se consolidava mais como objeto de grande relevância para o Rio de Janeiro. “Para Mário Filho, o Maracanã valia até mais que o Pão de Açúcar, que o Corcovado e que a Baía da Guanabara, por ser uma ‘obra do homem. Uma prova da capacidade de realização do brasileiro” (NETO, 2014, p. 19). O estádio foi ganhando tanto destaque que ultrapassou as folhas de jornais e foi parar em músicas, como “Pelas Tabelas” de Chico Buarque, de 1984, assim como ganhou uma canção própria, “Domingo vou ao Maracanã”, composta por Neguinho da Beija-Flor em 1979 e entoada por todas as torcidas cariocas até hoje.

No entanto, no início dos anos 2000 a mística do Maracanã foi se perdendo devido a uma sucessão de modificações pela qual foi passando. Até 1999, segundo Oliveira (2015), o Templo do Futebol tinha passado por 37 intervenções. As principais delas foram: a elevação do piso da geral em 45 centímetros e a reforma da marquise, em 1985, e o reforço da arquibancada com a instalação de pilastras de sustentação, além da reconstrução do parapeito do setor, em 1990 - que mesmo tendo passado por reforma dois anos antes, caiu parcialmente na final do Brasileirão de 1992 entre Flamengo e Botafogo. O episódio deixou três mortos e 82 pessoas feridas. A tragédia é lembrada de forma maldosa por torcedores rivais do Flamengo até hoje. Inclusive, uma releitura da canção “Balancê” de Braguinha e Alberto Ribeiro e lançada por Carmem Miranda, em 1937, faz alusão ao acontecimento.

Ô balancê, balancê,  
escute o que eu vou te dizer,  
a festa da Raça está em extinção,  
vocês viram na televisão,  
coitadinha da Raça,  
a Raça do Urubu (Tomou no c...),  
tentou voar do Maraca legal,

e caiu na geral,  
Ô balancê, balancê.<sup>5</sup>

Para evitar casos como esse e, principalmente, para modernizar e tornar o Maracanã mais comercializável, sucessivas obras no estádio foram feitas nos últimos 19 anos. A primeira delas aconteceu para a comemoração dos 50 anos do estádio e para o Mundial de Clubes da FIFA, em 2000. O campeonato contou com a participação de equipes de todos os continentes. Fizeram parte do torneio: Al Nassr (Arábia Saudita), Raja Casablanca (Marrocos), Necaxa (México), Vasco da Gama (Brasil), South Melbourne (Austrália), Manchester United (Inglaterra), Corinthians (Brasil) e Real Madrid (Espanha). Para a realização da competição, um plano que contava com a divisão das arquibancadas e a implementação de cadeiras em todos os setores menos na geral foi elaborado<sup>6</sup>. No entanto, somente parte das obras, que foram iniciadas em outubro de 1999, foram concluídas a tempo para o Mundial. A reforma total só foi concluída em abril de 2002. O valor gasto no projeto foi de 253 milhões de reais<sup>7</sup> e a capacidade foi reduzida de 150 mil para 103 mil lugares.

Três anos mais tarde, o Maracanã voltaria a ser reformado, e não só ele passou por mudanças, como todo o complexo esportivo<sup>8</sup>, visando a realização dos Jogos Pan-americanos de 2007. O custo de toda a obra foi de 304 milhões de reais<sup>9</sup> e as alterações no estádio dessa vez foram maiores: a geral foi extinta, o campo foi rebaixado em 1,40m, duas rampas foram criadas, dois telões de alta definição foram colocados e os acessos às arquibancadas foram aumentados. E novamente o estádio ficou fechado, dessa vez por dois anos: as obras começaram em 2005 e só terminaram em 2007.

Com a extinção da geral, o Gigante de Concreto perdeu uma das suas maiores marcas e um lugar onde os torcedores mais humildes, na maioria das vezes em comunhão, tinham a oportunidade de ver seus ídolos jogarem. Até o seu fim, em 2005,

a geral permaneceu sem grades para separar adversários. As brigas eram raras e imperava a paz, situação bem diferente da experimentada nas arquibancadas, onde os tumultos sempre foram mais recorrentes e a

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.cifras.com.br/cifra/botafogo/e-balance-balance>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk12099913.html>. Acesso em: 24 de novembro de 2018.

<sup>7</sup> Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/328196\\_reformas-transformam-maracana-em-um-dos-estadios-mais-caros-do-mundo](http://www.espn.com.br/noticia/328196_reformas-transformam-maracana-em-um-dos-estadios-mais-caros-do-mundo). Acesso em: 24 de novembro de 2018.

<sup>8</sup> O Complexo Esportivo do Maracanã é constituído pelo Centro de Atletismo Célio de Barros, pelo Maracanãzinho e pelo Parque Aquático Júlio de Lamare.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2013/05/legado-do-pan-reformas-em-2007-pouco-valeram-para-o-maracana.html>. Acesso em: 24 de novembro de 2018.

divisão das torcidas, primeiro com cordão de policiais e depois com a instalação de grades entre os setores, se fazia necessária desde os anos 1980, época em que foram registrados os primeiros arrastões também na geral. (OLIVEIRA, 2015, p.32)

O fim da geral fez com que muitos torcedores mais pobres deixassem de ir ao estádio, personagens como Gerdau, Betinho, Ladrilheiro ficaram órfãos. Aquele era um espaço que proporcionava um lazer, uma emoção a um custo muito baixo, o que já não era comum naqueles tempos.

Mas a sequência de obras no Maracanã não parou por ali, o Templo do Futebol voltou a ser fechado em agosto de 2010 para as obras da Copa das Confederações de 2013 e para a Copa do Mundo de 2014. A previsão inicial para reabertura do Gigante de Concreto era dezembro de 2012, mas o estádio só foi entregue no dia 24 de maio de 2013. O atraso na conclusão da obra ocorreu segundo a assessoria de imprensa da Empresa de Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro (Emop), porque "é natural que o prazo tenha sido modificado, já que se trata de um estádio construído na década de 40, além de outras intempéries, como a greve que paralisou as obras", como foi relatado na matéria do portal UOL<sup>10</sup> do dia 26 de abril de 2012

A terceira reforma dos anos 2000 também mudou muitas coisas no local. Foram colocadas cadeiras em todo o estádio e as que já existiam foram trocadas por novas, retráteis e numeradas; os camarotes mudaram de lugar e passaram a ocupar um espaço entre o segundo o terceiro pavimento do estádio; a arquibancada ganhou maior inclinação e foi aproximada do campo, ficando somente a 12 metros da linha lateral do gramado. As duas maiores mudanças foram: a remoção da cobertura de concreto com mais de 50 anos, que foi substituída por uma lona moderna com 60,4 metros de extensão e o fim do anel superior. Com as mudanças, o Maracanã reduziu sua capacidade de 82.238 para 78.639 lugares, mas mesmo assim ainda continuou sendo o maior estádio do Brasil.

Essas reformas, que na teoria foram feitas para melhorar a experiência do torcedor, não foram vistas com bons olhos por aqueles que costumavam frequentar o estádio. Como relata o jornalista Caio Blois, em depoimento ao autor deste trabalho sobre seu retorno ao Maracanã em 2013:

O que fizeram com o Maracanã foi um escárnio, porque não gosto de usar a palavra estupro no conotativo. Uma falha clara no projeto de cidade que é o Rio de Janeiro, com todas as suas nuances e reflexos sociais. O fim da

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2013/04/26/maracana-sera-reaberto-neste-sabado-entenda-a-polemica-sobre-a-reforma.htm>. Acesso em: 24 de novembro de 2018.

geral elitizou de vez o esporte do povo em seu berço de resistência, com as patéticas obras para o PAN-2007 e a tentativa de impor um novo grande estádio no Rio, o Engenhão [atual Nilton Santos]. Poucos anos depois, ficou claro que a maquiagem não deu certo: precisaram destruir de vez o Maior do Mundo, dilacerando corpo e alma. Ao entrar ali no ‘New Maracanan’ pela primeira vez, no jogo entre Brasil e Inglaterra em 2013, com gol do craque e ídolo Fred, vi para além da modernização desnecessária uma pasteurização dos sentimentos do torcedor, em detrimento aos mais vis interesses dos grandes empresários em conluio com políticos corruptos. Foi como se tivessem matado meu melhor amigo. As lágrimas desciam sem parar. Não sentia mais vontade de voltar.<sup>11</sup>

Sem a geral e sem sua tradicional marquise o Maracanã ficou desfigurado. E isso também gerou atrito dentro do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão que tombou o estádio como patrimônio cultural. O superintendente Carlos Fernando de Andrade, funcionário do governo do estado do Rio de Janeiro, emprestado para o IPHAN na época, e que exercia o cargo de superintendente regional do instituto autorizou a demolição da marquise do Gigante de Concreto mesmo com ele sendo tombado. Carlos justificou a ação alegando que a construção era tombada pelo seu valor etnográfico, não arquitetônico, o que gerou discordância de vários colegas de trabalho, inclusive do próprio autor do projeto de tombamento do Templo do Futebol.

O jornalista Lúcio de Castro, em sua coluna no site Sportlight, colocou o testemunho definitivo da Ata da 68ª Reunião do Conselho Consultivo do IPHAN, realizada em 30 de agosto de 2011. Segue o pronunciamento de Nestor Goulart Reis, conselheiro do IPHAN, arquiteto e urbanista - USP e autor do parecer do tombamento do Maracanã:<sup>12</sup>

Presidente, por força legal e pela presença, é um pouco difícil para mim falar sobre este caso. Como Conselheiro Relator, me sinto profundamente revoltado pelo modo como meu parecer foi utilizado, com má fé, para inverter o sentido de tudo aquilo que escrevi. Como paulista pude, neste plenário, dizer: ‘o Maracanã é de todos os brasileiros’. Está escrito isso. Não conheço obra de demolição em edifício tombado; nunca vi. Só conheço obra de restauração e conservação, aqui e no mundo inteiro. Destruir obras tombadas é crime e todos aqueles que participam disso são responsáveis criminalmente. Pode haver processo, pode não haver processo; mas é crime.

Como Presidente de órgão estadual, no passado, consegui fazer valer isso em mais de uma circunstância difícil. Esse parecer (do Superintendente Regional do Rio de Janeiro), pseudo parecer, de justificativa (e não cabe ao administrador e Superintendente do IPHAN no Rio de Janeiro agir desse modo), tem todos os defeitos possíveis. Inverte o sentido e alega que paisagem seria uma coisa simbólica.

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida ao autor, no dia 15 de março de 2018, por e-mail.

<sup>12</sup>Disponível em: <http://agenciasportlight.com.br/index.php/2017/01/05/um-crime-deve-ser-desfeito-um-plebiscito-ja-para-derrubar-o-new-maracana/> Acesso em: 24 de novembro de 2018.

Bens materiais, está escrito com todas as letras, são para serem conservados. Conservação não admite demolição. Isso é um ato absolutamente irregular. É um fato, mas é irregular. Vamos contemplar as duas coisas. Mas usar o meu parecer, que fiz com muito prazer e muito orgulho, propondo o tombamento do Maracanã, que foi inscrito, para justificar sua demolição, é inaceitável.

Demolir a marquise, demolir as arquibancadas é demolir o Maracanã. Então, creio que é uma questão de princípio: se o Maracanã pode ser demolido, em metade dele, pelo lado interior, todos os edifícios tombados podem ser demolidos neste país e a legislação não se sustenta mais. É uma questão de princípio: nós não podemos admitir que um edifício tombado seja demolido, mesmo que seja apenas uma parte. E não penso que alguém tenha condições de dizer quais partes devem ser demolidas. Nós temos um fato e penso que são dois problemas diferentes.

E aqui está escrito que eu disse isso, escrevi isso e este Conselho aprovou: o Maracanã não pode ser descaracterizado. Então, fico estarecido que alguém use essa minha frase para descaracterizar o Maracanã. É inaceitável. Gostaria de só dizer palavras agradáveis sobre isso; gostaria de ser simpático em relação a isso. Mas, infelizmente, eu estou num papel desagradável sendo um Relator, defendendo os princípios, sendo provavelmente hoje, aqui, o de mais idade, e, portanto, portador de longa tradição de defender a tradição.

Além das questionadas alterações e dos atrasos das obras, a reforma do Gigante do Derby custou mais caro do que o previsto inicialmente. Segundo a matéria do UOL já citada anteriormente, o custo inicial da reforma seria de 705,6 milhões de reais, mas acabou saindo por 859,5 milhões. Isso porque o Tribunal de Contas da União (TCU) apontou um sobrepreço no projeto, caso contrário a reforma sairia por 956,8 milhões. O custo dessas mudanças foi financiado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento, BNDES, que arcou com 400 milhões de reais, e pelo governo do estado, que bancou os outros 459,5 milhões.

Já a administração do Maracanã ficou por conta do consórcio Maracanã S/A, formado pelas empresas brasileiras IMX, Odebrecht e Andrade Gutierrez. À Odebrecht coube 90% da concessão da administração; às outras duas, 5% cada. Como obrigação os responsáveis pelo estádio deviam pagar no mínimo 5,5 milhões de reais por ano ao governo do estado. Em troca eles teriam o direito de usar o Maracanã e o Maracanãzinho para fins comerciais, além de poder usar também as áreas no entorno do estádio.

E assim como para a Copa do Mundo de 1950, o Maracanã passou por dois eventos de estreia para o Mundial de 2014. O primeiro foi um amistoso entre os amigos de Ronaldo e de Bebeto, que contou com a presença de autoridades, convidados do Governo do Estado do Rio de Janeiro, funcionários da obra e seus familiares. Já a segunda reinauguração foi no dia 2 de junho, num amistoso entre Brasil e Inglaterra, quando 66 mil pessoas puderam



acompanhar o empate de 2 a 2 entre as duas equipes. Vale destacar que o Brasil não chegou a jogar no estádio no Mundial. A seleção só jogaria no Tempo do Futebol, se chegasse à final, mas foi eliminada na fase anterior no famoso 7 a 1 para a Alemanha.

Mesmo com todo o problema e a polêmica das reformas para a Copa do Mundo de 2014, o Maracanã não estava de acordo com as normas do Comitê Olímpico Internacional, COI, que exigia que algumas alterações ainda fossem feitas, como o alargamento das entradas para o gramado, o que diminuiria ainda mais a capacidade do estádio. A maioria das mudanças não foi realizada, mas de acordo com a revista ISTOÉ<sup>13</sup>, que entrevistou o diretor de Gestão de Instalações do Comitê Rio-2016, Gustavo Nascimento, “foram retirados 4 mil assentos no setor leste, 3,5 mil cadeiras cativas e 2 mil assentos [do setor] superior”, reduzindo a capacidade para 55 mil lugares temporariamente para as Olimpíadas.

Para receber os Jogos Olímpicos, o Maracanã fechou no final de novembro de 2015, e reabriu no dia 1 de maio de 2016, para a decisão do Campeonato Carioca entre Vasco e Botafogo, e só voltou a receber o público na cerimônia de abertura das Olimpíadas no dia 5 de agosto.

Após o término dos Jogos, um impasse foi gerado entre a Rio 2016 e a Maracanã S/A. A organizadora das Olimpíadas no Rio de Janeiro queria devolver o estádio para a concessionária, que alegou que o local não estava da mesma forma que fora entregue, além de necessitar de ajustes. Por causa disso, a Justiça teve que intervir na situação. E a 4ª Vara de Fazenda Pública do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro julgou que a responsabilidade da administração era da Maracanã S/A, determinando que ela voltasse a fazer a manutenção do estádio e de seu entorno. Durante esse tempo o estádio ficou fechado sendo até saqueado devido à falta de segurança no local.

A Maracanã S/A foi responsável pelo estádio de 2014 até abril de 2019. E a partir do momento em que houve alterações na forma de exploração do complexo esportivo, ela tentou passar a governança do mesmo para outra iniciativa. Mudanças essas que tiveram início em 2013. Depois de muita pressão pública, foi impedida a demolição do Centro de Atletismo Célio de Barros, da Escola Municipal Friedenreich, do Museu do Índio e do Parque Aquático Júlio de Lamare. Esses equipamentos públicos dariam lugar a lojas e a um grande estacionamento, sendo mais uma renda para a Maracanã S/A. No último

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://istoe.com.br/em-reforma-para-olimpiada-maracana-recebe-futebol-pela-primeira-vez-em-2016/>. Acesso em: 24 de novembro de 2018.

contrato firmado entre o Estado e a concessionária ainda estava estabelecido que era de responsabilidade da administradora a manutenção desses espaços.<sup>14</sup>

Antes do rompimento do contrato entre a Maracanã S/A e o estado do Rio de Janeiro as principais formas de renda do estádio, hoje com capacidade para 78 mil pessoas, eram os jogos de futebol e a realização de shows. Falando de futebol, dos quatro clubes cariocas da primeira divisão do Campeonato Brasileiro (Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco), somente a dupla Fla-Flu tinha contrato fixo com a concessionária, que valeria até 2020.

O acordo da concessionária com o time rubro-negro estabelecia um aluguel de 15% da renda bruta dos jogos, com um valor mínimo de 200 mil reais e máximo de 700 mil, multa rescisória de 6 milhões de reais válida para ambas as partes, com a ressalva de que caso houvesse uma nova licitação, como houve, o valor não seria cobrado, e a realização mínima de 25 partidas por ano no estádio, sendo obrigatórios todos os clássicos estaduais e nacionais, jogos válidos pela Libertadores e qualquer partida de outra competição a partir das quartas de final. O Flamengo ainda contava com a parceria da Esportecom, que utilizava os espaços de publicidade do estádio e em partidas de menos apelo arcava com 80 mil reais do aluguel, sobrando assim pelo menos 120 mil para o time rubro-negro.<sup>15</sup>

O Fluminense também tinha uma parceria com a Maracanã S/A, mas o uso estádio variava de acordo com o jogo, podendo ser aberta somente uma parte do Maracanã ou ele todo e, com isso, o valor acordado pelas partes também mudava. Botafogo e Vasco também jogavam no maior estádio do Brasil, mas, com menos frequência e geralmente de visitantes, pois o time alvinegro, hoje, manda seus jogos no Nilton Santos e o Cruz-Maltino em São Januário.

O rompimento do contrato entre o estado do Rio de Janeiro e a Maracanã S/A se deu por um impasse em relação ao pagamento de uma quantia de aproximadamente 38 milhões de reais (valor corrigido pelo IPCA). Esse montante é referente a soma de uma taxa de aproximadamente 5,5 milhões de reais que deveria ser paga pela concessionária ao Governo do estado do Rio anualmente. Porém, a antiga iniciativa responsável pelo estádio entendeu que o valor não deveria ser cobrado sem uma correção, já que em 2013, parte do acordo (demolição do estádio Célio de Barros e do Parque Aquático Júlio de Lamare) foi alterado. Com isso, a antiga administradora parou de pagar as quantias em relação à

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://apublica.org/2017/03/anatomia-de-um-crime/>. Acesso em: 24 de novembro de 2018.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/100-mil-no-maraca-fla-e-consorcio-querem-retirar-cadeiras-e-aumentar-capacidade.ghtml>. Acesso em: 24 de novembro de 2018.

utilização do espaço em maio de 2017, porque compreendeu que “o pagamento não poderia ser exigido enquanto [perdurasse] a incontroversa situação de desequilíbrio econômico-financeiro em que o contrato se [encontrava]”. Já o estado do Rio de Janeiro alegou que a concessionária “passou a descumprir sistematicamente as obrigações contratuais, dentre as quais o pagamento do valor de outorga da concessão, a manutenção da garantia contratual durante toda a vigência do contrato e a conservação de bens integrantes do complexo”, e rompeu o acordo.<sup>16</sup>

Desfeita a tratativa entre Maracanã S/A e estado do Rio de Janeiro, o governo estadual abriu nova licitação para a administração do estádio. A oferta vencedora foi a parceria entre Flamengo e Fluminense. No entanto, no contrato somente o time rubro-negro é permissionário, porque o Tricolor não possui certidões negativas de débito (CND). Entretanto, na prática os dois clubes serão responsáveis pelo Maracanã em igualdade de condições.

No novo contrato de administração do Templo do Futebol ficou estabelecido que a dupla Fla-Flu será responsável pelos custos do estádio, cerca de dois milhões de reais por mês, terá que pagar um valor de 166.666,67 reais mensais ao Governo - quantia que será repassado ao complexo Célio de Barros e Júlio Delamare -, além de ter que dar 10% do montante arrecadado no Tour do Maracanã, sendo fixada uma taxa mínima de 64 mil reais por mês. O acordo foi firmado no dia 12 de abril de 2019, começando no dia 19 do mesmo mês, com validade de seis meses, podendo ser renovado por mais 180 dias.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/governo-do-rio-a-maracana-sa-brigam-sobre-divida-de-38-milhoes-entenda-23532341>. Acesso em: 18 de abril de 2019.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rj/futebol/noticia/flamengo-assina-contrato-para-assumir-gestao-do-maracana-com-o-fluminense-a-partir-do-dia-19.ghtml>. Acesso em: 18 de abril de 2019.

### 3 – Torcedor: um louco, um amante ou um animal?

Antes de analisarmos a ocupação do Maracanã pelo torcedor durante esses quase 70 anos de existência, é preciso entender quem ele é. O conceito de torcedor é muito amplo, sendo praticamente impossível definir completamente suas características. Cada um possui suas manias, superstições, crenças, gostos e costumes, mas existe uma coisa em comum entre todos: o amor pelo seu clube. São pessoas que são capazes de deixar de comer, de perder seus empregos, de acompanharem seus times a milhares de quilômetros de distância por um radinho de pilha ou até mesmo somente ver seu time pela televisão. E esses apaixonados

se reúnem para ver um jogo nas arquibancadas (ou mesmo, mais recentemente, em frente à televisão) não só para de fato apreciarem a partida, mas por crerem que sua presença ali pode influenciar no resultado. Por isso, gritam, gesticulam, rezam, fazem promessas, xingam os adversários na esperança de contribuírem para a vitória de seu time. (HERSCHMANN & LERNER apud CAMARGO, 2007, p.28)

Mas para melhor definirmos esses amantes, pelo menos aqui no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, começaremos do início. O ato de torcer próximo do que conhecemos, hoje, começa na capital fluminense no final do século XIX com as touradas, com uma passagem pelo turfe, até migrar para as regatas de remo. Mas foi no futebol, nas primeiras décadas do século XX, que o torcedor começou a ganhar corpo. Inclusive, é nesse momento em que a expressão “torcedor” passa a ser verificada, antes eram tratados como *sportsmen*, ou fãs. Essa terminologia surge através da observação das mulheres que acompanhavam seus maridos e/ou pais em *matches*. Elas, muito bem vestidas com seus vestidos longos e adereços, em boa parte das vezes ficavam aflitas vendo o jogo, e nisso começavam a torcer seus lenços e a partir de então surgiu a definição de torcedor, ou melhor dizendo, torcedora. Termo apontado como de autoria do cronista Coelho Neto. Segundo João Malaia, em seu texto “Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.) 1910-1950”, presente no livro “A Torcida Brasileira” (2012), as principais características desse agente recém-nomeado do futebol eram: a agitação, a algazarra, o comportamento desviante, a intransigência e o apoio visando à vitória do seu time.

Esse agente começa a se desenvolver no começo do século passado e vem se transformando até hoje. Isso é fruto de uma relação muito próxima entre futebol e a sociedade, onde um está inserido no outro, como é apontado por Da Matta (1982) em seu

texto “Esporte na Sociedade: Um ensaio sobre o futebol brasileiro”. E a partir dessa relação podemos compreender alguns elementos pertencentes ao nosso objeto de estudo.

Da Matta explica (1982) que o futebol assim como a sociedade tem regras fechadas, definidas, onde ganhar ou vencer depende de uma série de variáveis, como a sorte e o azar. No entanto, mesmo que o futebol simule nossa sociedade, a sua prática permite sentimentos diferentes daqueles que temos durante o nosso cotidiano; as pessoas enxergam nele uma possibilidade de liberdade de escolhas, igualdade e de justiça, que muitas vezes não está presente na realidade social delas. Isso é possível porque no futebol acredita-se que o resultado é diretamente ligado ao desempenho das equipes em campo, o que não é visto muitas vezes fora dele, onde as classes dominantes mudam as regras durante o jogo de acordo com seus interesses. Contudo, sabemos que muitas vezes cartolas de times maiores e mais fortes utilizam da sua força política para obter vantagens, porém não entraremos nesse mérito.

Voltando à reflexão entre futebol e sociedade, um outro ponto em que o esporte parece ser diferente da “vida real normal” é em relação à ascensão social, pois ele é visto como um caminho mais fácil para se melhorar de vida. No entanto, esse sentimento é ilusório, pois sabemos da quantidade de jovens que tentam ser jogador de futebol e ficam pelo caminho. Contudo, vale destacar que esse pensamento é antigo e é compartilhado até por pessoas esclarecidas. Gilberto Freyre era uma das pessoas que tinham esta ideia, por exemplo. Em 1947, o sociólogo escreveu no prefácio do livro “O Negro no Futebol Brasileiro” a seguinte frase: “E entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte ou trinta anos – de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuzo no Brasil, nenhum excede em importância o futebol” (FILHO, 2010, p.25).

O futebol, além de ser um lugar de experimentação de liberdade, também permite que os torcedores extravasem suas emoções durante a partida. Muitas vezes o operário, o pai de família, o estudante, o filho, entre outros personagens da sociedade se tornam irreconhecíveis dentro do estádio. Ali o amante de seu clube se sente livre das amarras sociais e põe para fora todos os seus sentimentos. Quantos fãs do esporte bretão que no dia a dia são polidos, bem-educados e atenciosos, mas que em dias de jogo xingam, tiram a camisa, depredam o estádio e se envolvem em confusões? Esse processo acontece, porque existe um sentimento de que não há responsabilidade social no meio da multidão e que também não haverá punição por seus atos, porque existe um número muito grande de indivíduos reunidos sendo incapaz reconhecer o autor de tais atos.

Buarque de Hollanda (2008), em sua tese de doutorado, apresenta uma série de matérias feitas pelo jornalista Inezil Penna Marinho para o “Jornal dos Sports”, onde são apresentados comportamentos e características das torcidas, além de motivos para que grupos passem a se comportar como multidões baseados nas teorias de Gustave Le Bon e Raul Briquet.

Gustave Le Bon divide as multidões em dois grupos: homogêneos e heterogêneos. “As primeiras são as anônimas – como as rueiras – e não anônimas – jurados, assembleias parlamentares etc. – e as últimas abrangem, na ordem de complexidade crescente, as seitas – políticas, religiosas, etc. – as castas – militar, sacerdotal etc. – e as classes, burguesa, por exemplo.” (HOLLANDA, 2008, p.383) As torcidas se enquadram no segundo caso. E para que elas se formem Raul Briquet elenca quatro motivos: ter um interesse em comum, ter motivações parecidas para agir, ter um elemento externo o qual lhes passe sensação de medo, hostilidade e ou vingança, e por último ter alguém que se destaque e oriente as ações do grupo. No entanto, essa última condição não é necessariamente personificada.

Sendo assim podemos definir a torcida como um grupo de várias pessoas diferentes, as quais perdem sua individualidade formando um corpo com características diversas, que se juntam por alguns momentos, motivadas por fatores externos que as impulsionam, que possuem os mesmos objetivos, além de terem um líder ou algo que as guiem. Le Bon ainda explica a diferença das ações do corpo isolado para o corpo na multidão. Segundo ele, essa alteração acontece pelo grande sentimento de força, quando se está com seus pares, pela sensação de que não será descoberto, pela fácil transmissão de sentimentos dentro do grupo e, atrelado a isso, a influência a qual um exerce sobre o outro dentro daquele contexto. Já Raul Briquet elenca três aspectos do comportamento da torcida:

o predomínio do inconsciente, definido pela hiperemotividade e raciocínio elementar; a sugestibilidade e a irreprimitividade do desejo e ação. O predomínio do inconsciente se traduz com o transporte da multidão pelo sentimento; ela se arrebatada na excitação emotiva, mas não raciocina. O indivíduo renuncia à própria personalidade e quer, sente e age com a maioria. A segunda característica da multidão – sugestibilidade – se identifica pela onda contagiosa que a tudo domina e a todos impede raciocínio claro. E a ‘reação será tanto mais intensa quanto maior o número de pessoas nas quais se verifica’. A irreprimitividade de desejo e ação leva a multidão a agir impetuosa e agressivamente, exigindo a satisfação de seus desejos, sejam estes de que natureza forem. A multidão apresenta sempre uma sangüissedência inconsciente, que se traduz pelo desejo de fazer justiça com as próprias mãos. (HOLLANDA, 2008, p.385)

Partindo do princípio que a torcida é um grande conjunto de pessoas que se torna um corpo homogêneo podemos fazer uma analogia deste objeto com a cultura de massa e a indústria cultural.

O futebol consegue atender uma demanda da cultura de massa referente a grandes atrações, a produtos que possam ser consumidos por uma grande quantidade de pessoas. O esporte bretão, que inicialmente poderia ser considerado erudito, pois só era praticado por membros das classes altas, “se vulgarizou”, expandiu-se e foi aderido por toda a sociedade, se tornando importante objeto do mercado do entretenimento. Ainda dentro de conceitos frankfurtianos, podemos observar o futebol como um produto da “Indústria Cultural”. Hoje, o esporte bretão antes de tudo visa o lucro e sempre está relacionado às grandes empresas e aos meios de comunicação. O futebol não é mais um lazer para aqueles que praticam ou só observam, ele em nível profissional passou a ser uma mercadoria que movimenta altas cifras e obedece aos conglomerados de comunicação para ter a maior visibilidade possível. Bourdieu (1997) no fim do século passado, já apontava esse processo em relação à transmissão dos Jogos Olímpicos,

[É] preciso, em seguida, analisar a produção da imagem televisiva desse espetáculo, que, enquanto suporte de *spots* publicitários, torna-se um produto comercial que obedece à lógica do mercado e, portanto, deve ser concebido de maneira a atingir e prender o mais duradouramente possível o público mais amplo possível: além de dever ser oferecida nos horários de grande audiência nos países economicamente dominantes, ela deve submeter-se à demanda do público, curvando-se as preferências dos diferentes públicos nacionais por este ou aquele esporte e mesmo às suas expectativas nacionais ou nacionalistas, por uma seleção ponderada dos esportes e das provas capazes de proporcionar sucesso a seus nacionais e satisfações a seu nacionalismo. Daí decorre, por exemplo, que o peso relativo dos diferentes esportes nas organizações esportivas internacionais tende a depender cada vez mais de seu sucesso televisual e dos lucros econômicos correlatos. As pressões da difusão televisiva afetam também cada vez mais a escolha dos esportes olímpicos, dos lugares e dos momentos que lhes são concedidos, e o próprio transcurso das provas e das cerimônias (BORDIEU, 1997, p.124)

Essa relação entre esporte e mídia é mais antiga que a própria televisão. Inicialmente no Brasil os jornais repercutiam os eventos esportivos, que geralmente aconteciam no final de semana, depois vieram as rádios que começaram a transmitir os eventos ao vivo, em seguida a televisão, até os dias atuais com transmissões por *streaming* na internet. E o que hoje vemos no Twitter, principalmente, mas como em outras redes sociais em relação a debates sobre os jogos entre torcedores e demais temas relacionados

ao clube, já acontecia no início do século XX com o “Jornal dos Sports”. O periódico possuía uma editoria que dava espaço para os fãs do futebol se expressassem. Era comum ver pessoas relatando atos de violência, exaltando suas torcidas, elogiando jogadores, assim como críticas a suas equipes.

O “Jornal dos Sports” teve um papel muito importante na fomentação das torcidas no Rio de Janeiro e pode ser considerado um dos agentes da indústria cultural do passado carioca. O veículo, durante o início e a metade do último século, além de dar voz aos torcedores também promovia o “Duelo das Torcidas”. O periódico acompanhava os preparativos dos grupos durante a semana, que antecedia o jogo no qual seria promovido o embate, assim como premiava aquele que desse o maior show no estádio. Uma das edições mais marcantes foi a de 1951 entre Flamengo e Fluminense, quando os amantes do Rubro-Negro, liderados por Jaime de Carvalho, levaram centenas de confetes e serpentinas, além de outros artigos carnavalescos para o Maracanã e, apoiados por sua charanga tradicional, transformaram o Gigante do Derby na antiga Praça XI. Mas o grande empenho dos flamenguistas não foi suficiente para bater os fiéis tricolores que contaram com o tradicional pó de arroz<sup>18</sup>, milhares de bandeiras em verde, branco e grená e ainda tiveram uma encenação teatral em campo. A tenista Del Panta vestida com a casaca e os adereços do mascote tricolor saiu de uma grande caixa de pó de arroz, e com mais alguns figurantes fantasiados de palhaços, jogou confete nos jogadores flamenguistas. Paulista e outras lideranças da torcida do Fluminense ainda planejavam levar a orquestra internacional de Tommy Dorsey, famoso *band-leader* norte-americano, para o Maracanã, mas não conseguiram, o que não fez falta, pois saíram vencedores do Duelo. Em campo, o time das Laranjeiras também se saiu melhor e ganhou a partida por um a zero.

Atualmente as coisas mudaram e a mídia não está somente presente nas transmissões, no pré ou pós-jogo, ou se fazendo presente nas praças esportivas pelo radinho de pilha. O advento do *smartphone* mudou o comportamento do torcedor, até mesmo daquele que está acompanhando o jogo ao vivo no estádio. Os celulares com acesso à internet e a fomentação da interatividade fizeram com que os espectadores não só usassem suas tecnologias para saber informações que não poderiam ser obtidas apenas olhando o campo de jogo, como também usassem seus aparelhos para compartilhar a

---

<sup>18</sup> O artifício é usado pela torcida do Fluminense por causa do apelido que os times rivais deram ao clube. O apelido surgiu em 1914, em uma partida entre o Tricolor e o América. Na ocasião o time das Laranjeiras entrou com Carlos Alberto, um homem negro, coberto por pó de arroz para disfarçar a cor de sua pele, o que foi descoberto durante o confronto.



experiência de estar no estádio, tirar fotos para aparecer no telão, fazer mosaicos de flashes, entre outras possibilidades. E isso atualmente tem um peso tão grande na experiência do torcedor do futebol que é tão importante quanto um gol, um belo passe ou um drible elástico, como aponta Alexandre Carauta (2016), em seu texto “A segunda tela entra em campo: como as novas práticas interativas – ou a troca do radinho pelo celular – mudam o consumo de futebol”.

Essa característica interativa e tecnológica apontada por Carauta faz parte da nossa sociedade atual e através dela também se dão as novas conexões da cultura de massa. Sloterdijk (2002) em seus estudos sobre o tema aponta que hoje é raro vermos multidões reunidas nas ruas e que nossas relações se dão por meio dos meios de comunicação, surgindo assim novos padrões. Segundo ele, deixamos de ser “um pretume de gente” - expressão de autoria de Elias Canetti usada para se referir às massas de ajuntamento ou de reunião, características do início do século passado, quando milhares de pessoas conseguiam se juntar, vivenciando a si mesmas e criando uma auto-experiência coletiva. Para o escritor sueco, atualmente, somos “massas coloridas” ou “moleculares”, porque somos grupos que não se juntam para formar um corpo em um espaço definido, além de reagirmos aos estímulos da mídia de acordo com as nossas experiências individuais, principalmente. No entanto, por mais que não nos reunamos e não lidemos de uma mesma maneira com os programas a que estamos expostos, possuímos o caráter de massa, pois é possível observar vários traços em comuns entre nós.

Sloterdijk (2002) aponta como uma das principais diferenças entre a massa da sociedade moderna e a pós-moderna a forma como se expressam. Para ele, a massa antigamente se reunia e exteriorizava suas emoções através da força, mas agora ela se manifesta por meio do entretenimento. O autor ainda identifica outras mudanças em relação a elementos ligados às multidões. O líder dá lugar a programas, a descarga pela força é ocupada pelo entretenimento e o modo de poder fascistóide é trocado pelo democrático. O escritor ainda demonstra que essas alterações também mudam a forma de se orientar dos indivíduos, eles que antes se guiavam por experiências próprias, muitas adquiridas em grupo, agora se norteiam pelos objetos midiáticos.

Contudo, manter em paz essa massa ágil, pretenciosa, ciumenta e que está inserida numa sociedade de concorrência não é fácil. É necessário que haja mecanismos que passem a sensação de igualdade, criando um sentimento de que não há vencedores e perdedores absolutos. Além disso, esses dispositivos precisam passar a ideia de que o

estado presente é apenas temporário. Entre as ferramentas utilizadas para cumprirem esse papel estão o esporte, a especulação financeira e o empreendimento artístico, que funcionam como reguladores psicossociais. Eles passam a impressão de que os resultados obtidos neles são diretamente ligados a suas performances, tornando mais palatáveis os resultados negativos e criando a possibilidade de ascensão dentro daquele contexto. Desta maneira, agem como redutores de ódio e controlam a inveja. O futebol ainda dá conta de permitir ao torcedor que ele pertença a algo maior, suprimindo uma necessidade sociológica. Como afirma Lever, “as pessoas são animais sociais. O instinto tribal – a necessidade de pertencer a alguma coisa maior que nós – é evidente em todas as sociedades. Nas sociedades avançadas, os esportes coletivos são recipientes perfeitos para a lealdade humana”. (LEVER apud BORGES, 2006, p.23)

Já outro conceito que nos ajuda a entender as características e comportamentos da torcida é o de “Comunidade Imaginada” de Benedict Anderson (1989), que é usado para definir nação. Esta ideia diz que as comunidades são imaginadas porque por mais que você faça parte de uma população durante anos, você não vai conhecer todas as pessoas pertencentes a ela, a menos que você viva ou tenha vivido numa tribo primitiva. Mas se não for esse o caso, as pessoas de um determinado grupo não conseguem ter ciência de todas as pessoas que compõe o todo, mas entre elas existe um sentimento de pertencimento comum e é essa sensação que as interligam e faz com que se sintam parte de um mesmo conjunto.

Esse sentimento de pertencimento acontece porque as pessoas possuem valores genéricos compartilhados entre elas, principalmente a língua, e desta forma é criado um sentimento de fraternidade. Os membros desse corpo são capazes de se sacrificar por quem nunca tiveram contato antes, apenas por pertencerem ao mesmo grupo, como acontece nas brigas entre as torcidas organizadas, onde componentes desconhecidos de uma mesma facção protegem um ao outro em nome daquele conjunto. Esse sentimento só é possível também porque é criada uma horizontalidade entre as partes, que reforça a sensação de unidade e que põe todos em pé de igualdade, mesmo que haja líderes ou representantes.

Um dos agentes principais para a compreensão do conceito das comunidades imaginadas, como já foi citado, é a língua, principalmente a que era chamada de vulgar, porque ela permitiu um maior intercâmbio de informações entre as pessoas, além de possibilitar um acesso maior a publicações. Essas publicações (romances e jornais) também são de suma importância para a criação de um imaginário comum entre os

membros da mesma comunidade, pois formam um sentimento de unidade entre seus pertencentes. Além disso, a língua em comum possibilitou o surgimento dos jornais, o que passa a ideia de uma temporalidade simultânea, “firme e solida dos fatos através do tempo” (ANDERSON, 1982, p.74). A criação dos periódicos ainda proporcionou a sensação de que os acontecimentos são comuns a todos, pois a maioria das pessoas se informa pelos mesmos canais, como é apontado em um trecho do texto:

A significação dessa cerimônia de massa [de consumo de jornais] [...] se desenrola em silenciosa intimidade, bem no fundo da cabeça, contudo, cada um dos comungantes está bem cômico de que a cerimônia que executa está sendo replicada, simultaneamente, por milhares (ou milhões) de outros, de cuja existência está seguro, embora sobre cuja identidade não possua a menor ideia. Mais ainda, essa cerimônia é interminavelmente repetida a intervalos de um dia, ou de meio dia, ao correr do calendário. Como se poderia representar ilustração mais vívida para a comunidade imaginada historicamente cronometrada? Ao mesmo tempo, o leitor de jornal, vendo réplicas exatas de seu jornal sendo consumidas por seus vizinhos do metrô, da barbearia ou de sua casa, sente-se permanentemente tranquilo a respeito de que o mundo imaginado está visivelmente enraizado na vida cotidiana. (ANDERSON, 1989, p. 44)

Outro ponto importante no conceito de comunidades imaginadas é que, assim como os maiores nacionalistas, os maiores fanáticos por seus clubes nunca vão pensar que todas as pessoas torcem para o mesmo time que ele, pois entendem que existem limites finitos.

Anderson (1989) ainda explica que o conceito de Comunidades Imaginadas só é possível graças a alguns fatores que deixaram de existir na sociedade, ou que pelo menos não possuem a mesma força de outros tempos. O primeiro é o fim da ideia de que determinadas línguas específicas permitiam acesso às verdades da criação, pois estavam ligadas diretamente a ela; o segundo foi o fim das monarquias que uniam todos em função de um determinado ponto, que se dizia escolhido por Deus, o que possibilitou uma maior horizontalidade entre os membros de uma comunidade; e por último a dissociação entre história e cosmologia, fato que acabou com a ideia de determinismo e destino, onde as coisas aconteciam porque já estavam planejadas. Com essa separação foi aberta uma oportunidade para a melhor compreensão do nosso mundo.

O historiador e cientista político também aponta que a ideia de comunidade imaginada ganha força graças aos avanços tecnológicos, com destaque para as inovações no campo da comunicação, porque eles permitem quebras de barreiras e que pessoas distantes possam compartilhar de uma mesma informação ou cultura. Processo que pode ser observado no futebol, quando a Rádio Nacional começa a transmitir jogos,

principalmente os do Flamengo, para todo Brasil e a torcida rubro-negra nos anos seguintes aumenta de número por todo território brasileiro (PEREIRA, 2010). Isso aconteceu porque as pessoas que não tinham acesso ao Flamengo começaram a ter, mesmo muito distantes do Rio de Janeiro.

## **4 – Torcida e Maracanã**

O que seria do Maracanã sem os torcedores? Um gigante sem alma? Um elefante branco? Somente um ponto turístico? A verdade é que o maior estádio do Brasil e as torcidas não só as cariocas, como as de todo país têm uma relação especial com ele. Em uma troca quase que dialética, as duas partes se fortalecem e, no país do futebol, imaginar uma coisa sem a outra é quase inconcebível.

E neste capítulo vamos falar sobre esse ser apaixonado por seu clube, que canta, vibra, chora, grita, briga, se emociona e que acredita que suas ações são capazes mudar um jogo, nesses quase setenta anos de Maracanã. Tentaremos entender como as características dessas pessoas foi se alterando e como isso foi demonstrado dentro do Templo do Futebol. Além disso, também tentaremos mostrar como as mudanças no antigo maior estádio do mundo refletiram sobre o torcedor. E numa metodologia própria dividiremos o tema em quatro categorias: Torcida pré-Maracanã, Charangas, Torcidas Jovens e Sócio-torcedor.

### **4.1 – A torcida pré-Maracanã**

Antes de falar de como aconteceu a relação torcedor e Maracanã ao longo dos anos, iremos procurar entender como o futebol se popularizou e criou um público que fosse capaz de encher um estádio com capacidade para quase 200 mil pessoas.

O esporte bretão chega ao Brasil em 1894 com Charles Müller e foi adotado pela burguesia brasileira que valorizava todo “produto” vindo da Inglaterra por ser visto como algo avançado. Na época, ainda havia um pensamento de que “os habitantes de localidades tropicais, em comparação com os de países temperados, deveriam praticar mais exercícios físicos para se livrar de séculos de inércia e preguiça, tornando assim o corpo são para poder abrigar uma mente saudável.” (BORGES, 2006, p.15) Além dessas ideias, o novo esporte também não oferecia muitos empecilhos para ser jogado, até hoje basta uma bola, que seja de plástico, meia, pelica, ou do material mais desenvolvido do mercado, um grupo de pessoas e um espaço razoável para que o futebol crie vida. Perto de se ter um barco ou um cavalo, isso não era e não é muita coisa.

Essa facilidade para se praticar o esporte recém-chegado ao Brasil permitiu que as classes mais baixas começassem a se aventurar no novo jogo e que ele fosse espalhado por toda cidade, sendo praticado em todas as regiões do Rio de Janeiro, de Botafogo a Bangu, mesmo sendo, inicialmente, considerado coisa de gente de classe alta. Mas além do rico e

do pobre, o público o qual o futebol mais cativou, talvez, tenha sido o infantil. Segundo Filho (2010), a modalidade para muitos no início do século passado parecia coisa de criança, porque correr, pular e gastar sua energia até botar a língua para fora era coisa de moleque. Essas características faziam com que muitas pessoas torcessem o nariz para o futebol, principalmente os remadores, que achavam que praticavam um esporte de “homem”, onde se era necessária muita força, ao contrário da “nova modinha”, onde os homens davam saltinhos. Nem os pontapés, joelhadas, cabeçadas, encontrões e batidas de cabeça eram capazes de convencerem eles do contrário.

Talvez, esses remadores já se opunham ao futebol imaginando o que estava por vir nos anos seguintes. Na virada do século XIX para o XX o remo era o esporte mais popular do Rio de Janeiro. Em 1882, uma regata em homenagem ao Marquês de Pombal reuniu 30 mil pessoas, como é citado por Melo (2012). No entanto, a partir da segunda década do século passado esse papel entre futebol e remo se inverteu. “A regata não atrapalha mais. Muitas moças preferindo ver um *match* do que uma regata. Os clubes de futebol, por isso, não precisavam saber, com antecedência, quando ia haver uma regata, para transferir um jogo” (FILHO, 2010, p. 58). A alteração dos horários de partidas de futebol por causa de regatas era comum, porque não havia público para os dois esportes e inicialmente o remo era mais popular que o antigo “ludopédio”. Podemos observar também essa mudança pelo que era noticiado nos jornais. Por exemplo, “em 1905 Jornal do Comércio divulgou uma nota [...], em que o periódico destacava que mesmo com um Derby de turfe e uma matinê acontecendo na cidade, mil e quinhentas pessoas foram assistir a um jogo de futebol” (PEREIRA apud BORGES, 2006, p.15).

O remo, todavia, criou uma base para as futuras torcidas de futebol. As regatas foram as responsáveis por formar uma identidade clubista, que se manteve no que viria ser o esporte mais popular do país até hoje. Os torcedores que compareciam nas enseadas para apoiar seus clubes, passaram a acompanhar suas cores nos estádios. Vale lembrar que, à exceção do Fluminense, os outros três grandes (Botafogo, Flamengo e Vasco) nasceram como clubes de regata.

O futebol desde sua chegada ao Brasil sempre esteve em crescimento e em 1905 foi criada a Liga Metropolitana de Futebol, que a partir do ano seguinte começou a realizar campeonatos. Com isso, a rivalidade entre os clubes cresceu, o que era somente um lazer foi ficando sério e as torcidas começaram a aumentar. No entanto, foi em 1908 que um marco mudou a história do esporte aqui. Naquele ano a Argentina excursionou por terras

tupiniquins e fez três jogos e venceu todos. Mas isso não desestimulou os brasileiros, pelo contrário, aguçou o nosso espírito competitivo.

Nesse começo do futebol no Brasil, como já foi dito no capítulo anterior, era comum ver marido, mulher e filhos assistindo aos jogos em seus clubes, porque o sócio tinha direito de levar seus dependentes de graça aos antigos *matches*. Afinal, além de ser uma opção de lazer era também uma forma de socialização. Alguns relacionamentos no período até tiveram seu início nas arquibancadas dos campos de futebol. Assim como nos hipódromos e nas enseadas, “a inclusão das mulheres nos estádios gerou a possibilidade de flertes e de se arranjar namoros e casamentos, necessidades do universo pequeno-burguês do período” (HOLLANDA, 2012, p.63).

Com o passar do tempo o esporte foi se popularizando e os estádios a cada ano ficavam mais cheios. Essa popularização do esporte fez com que as mulheres começassem a deixar de frequentar as praças esportivas na década de 20, porque agora, além do público dos jogos ser maior, havia um certo índice de violência e a entrada que antes era de graça passou a ser cobrada. O valor dos ingressos, no entanto, não era caro e ele foi um dos responsáveis pela maior captação de torcedores:

Em 1922, os ingressos cobrados para as gerais dos campeonatos paulista e carioca da 1ª divisão custavam \$500, a metade do preço de uma entrada para a maioria dos cinemas, para o teatro popular, para o circo e para as arquibancadas nos estádios. No ano seguinte, mesmo com um aumento de 100% nos ingressos de gerais, que passam a 1\$000, as entradas mais populares ainda estavam mais baratas que um almoço em um restaurante do centro da cidade, que anunciava refeições rápidas a 1\$500. (HOLLANDA, 2012, p.58)

Além dos fatores já citados para explicar a popularização do futebol, ainda podemos citar outro: a identificação dos imigrantes com clubes que se propunham a representar colônias.

O time com maior torcida no Rio de Janeiro no início do século passado era o Vasco da Gama, clube de colônia portuguesa. Apenas para se ter uma noção, em 1890, mais da metade da população carioca era composta por portugueses ou por descendentes. Eram 267.664 portugueses ou descendentes, num total de 522 mil habitantes. Ou seja, mais de 50% da população tinha pelo menos um traço de identificação com o clube. A representação de uma colônia por um clube, não aconteceu somente na atual capital fluminense, em São Paulo temos um exemplo muito parecido com o Palestra Itália, atual Palmeiras, time de imigrantes italianos. A capital paulista no início do século XX tinha

mais de 40% de seus habitantes formados por italianos ou descendentes. O Cruz-Maltino e o Alviverde, além de terem o maior número de torcedores ainda tinham os maiores estádios do país, São Januário e Parque Antártica. As duas equipes se enfrentaram em 1923 e chamaram a atenção dos jornalistas. O *Jornal de Theatro & Sport* publicou uma nota sobre a partida em que afirmava: “Os clubes que atualmente contam com maior número de torcedores são o Vasco da Gama, aqui, e o Palestra Itália, em São Paulo”.<sup>19</sup> Naquele ano, o clube de São Januário estreava na primeira divisão carioca e o Palestra Itália dava seus primeiros passos, foi fundado em 1914. (MALAIA, 2012)

#### **4.2 – Charangas: as primeiras torcidas organizadas**

Na década de 40, o futebol já tinha uma força considerável na sociedade e um bom número de fiéis. Nesse contexto surgem dois fenômenos: as charangas e os chefes de torcida, pessoas reconhecidas por diretores e torcedores e que na maioria das vezes lideravam as arquibancadas.

Esses torcedores renomados, que representavam seus clubes com amor e entusiasmo, ganharam o nome de “chefe” seguindo uma prática da época de chamar lideranças masculinas que representassem autoridade com este nome, como “chefe de família” e “chefe de polícia”. Segundo Hollanda (2012), na maioria dos casos, essas lideranças eram pessoas adultas, que se encontravam à margem da esfera de poder instituída do clube, faziam parte de setores subalternos do pequeno comércio ou da baixa hierarquia da burocracia estatal e muitas vezes também vinham do campo, do interior de estados vizinhos ou do Nordeste, em um período marcado pela migração para o Rio de Janeiro, então capital Federal. Esses personagens das arquibancadas apesar de exercerem seus trabalhos formais, eram encontrados muito facilmente por seus pares em bares, botequins, restaurantes e cafés por toda a cidade, além de obviamente estarem sempre nos estádios.

Os chefes de torcida também eram chamados de “embaixadores”, e como já dito anteriormente eram responsáveis por capitanear as charangas. As charangas eram torcidas organizadas embrionárias, não tinham mais do que algumas dezenas de participantes. Elas se caracterizavam pelo perfil festivo e carnavalesco, pelo apoio incondicional ao clube,

---

<sup>19</sup> Uma partida sensacional: Vasco da Gama x Palestra Italia”. *Jornal de Theatro & Sport*. 2 de junho de 1923, p.9. Transcrito por (MALAIA, 2012, p. 77).



pelo uso de bandeiras, por suas orquestras musicais, com instrumentos de sopro e pelo uso de camisas personalizadas que lembravam os uniformes usados pelos jogadores em campo. Esses três últimos atributos foram inovadores, antes deles os torcedores se vestiam formalmente, ajudavam seus times somente através do grito e os lenços eram usados no lugar das bandeiras. Essas organizações ainda eram marcadas por proibir xingamentos, vaias e confusões, para elas não existiam inimigos, mas adversários. Outro aspecto interessante era o uso de marchinhas de carnaval adaptadas para apoiar seus esquadrões, como “Cidade Maravilhosa” (1934), de André Filho, e “O teu cabelo não nega” (1931), de Lamartine Babo.

Dentre as centenas de motivos para o surgimento das charangas dois se destacam: a preocupação de dirigentes, chefes de polícia, jornalistas e presidentes de federações com o comportamento dos torcedores nos campos de futebol e a necessidade de haver uma organização dessa massa crescente. Esses grupos surgem, então, com duas funções: tomar conta dos outros torcedores para que não passassem dos limites e coordenar a torcida para apoiar time.

Uma das primeiras Charangas no Rio de Janeiro foi a Rubro-Negra, fundada em 1942 pelo baiano Jaime de Carvalho. Jaime nasceu em 9 de dezembro de 1911 em Vitória da Conquista, na Bahia, e chegou à antiga Capital Federal no final da década de 20. O que poucos sabem é que uma das figuras mais emblemáticas da torcida Flamengo no século passado, quase foi tricolor. Jaime tinha uma simpatia pelo Fluminense, mas quando foi acompanhar um treino do time deu de cara com os portões fechados. Sem poder ver as atividades nas Laranjeiras, Jaime atravessou a rua e viu o trabalho do time rival, que tinha seu campo na esquina da rua Paissandu. Aí, foi amor à primeira vista, a partir daquele dia o baiano radicado em terras cariocas virou um flamenguista fervoroso e passou a acompanhar a equipe.

O início da vida do baiano de Vitória da Conquista no Rio de Janeiro não foi fácil. Nos primeiros anos na atual capital fluminense, Jaime fazia bicos para se sustentar até que em 1932 ele conseguiu um emprego como agente de portaria no Ministério da Justiça. O novo trabalho permitiu que ele se tornasse sócio do Flamengo e remador do clube, além de possibilitar seu casamento com dona Laura, que passou a acompanhá-lo em todos os jogos do time. (HOLLANDA, 2008)

A ideia de fazer algo diferente para apoiar o Flamengo surgiu em 1942, para a decisão do estadual contra o Fluminense, nas Laranjeiras. Jaime conversou com seu amigo

Manoel Jesuíno da Silva e decidiu confeccionar uma faixa de apoio ao Rubro-Negro, na qual estaria escrito “Avante, Flamengo”. Os dois flamenguistas fizeram a faixa em tecido de mori, a levaram para o confronto na casa do rival e a penduraram na grade do campo. Além da faixa, o time rubro-negro contou com o apoio de 15 músicos que levaram: um trombone, dois clarins e mais dez instrumentos rítmicos. A novidade causou estranheza aos demais presentes já que os instrumentos eram comuns apenas do lado do fora do estádio. Mas a inovação surtiu efeito positivo, o Flamengo com gol de Pirilo empatou com seu rival em 1 a 1 e levou o troféu do Campeonato de Carioca de 1942, já que tinha a vantagem do empate na ocasião. A conquista abriu sequência para o primeiro tricampeonato (1942 - 43 - 44) do clube.

Como a implementação da faixa e dos músicos deu sorte ao Flamengo a ideia continuou, porém ela não agradava a algumas pessoas. Os jogadores adversários alegavam que o barulho os desconcentrava durante a partida e que assim não poderiam jogar seu melhor futebol. Em uma partida entre Flamengo e São Cristóvão, após o quarto gol rubro-negro os jogadores do time da Zona Norte foram reclamar sobre a banda com o árbitro, que ordenou que os músicos se retirassem. O caso foi parar na justiça apoiado por cartolas que queriam o fim daquela balbúrdia nos estádios. No entanto, Vargas Neto, que era presidente da Federação Metropolitana de Futebol, foi contra a extinção das bandas nas praças esportivas. Para ele a música nos campos era um fenômeno novo que deveria ser visto por meio de um olhar positivo e que ainda servia para abafar os gritos ofensivos cada vez mais comuns nos jogos. Todavia, não eram somente atletas e dirigentes que eram contra o novo advento, algumas pessoas da imprensa também torciam o nariz para a novidade, entre elas Ary Barroso, e foi por causa dele que esse grupo de torcedores passou a se chamar Charanga. Como Hollanda relata em sua tese:

no início a presença do grupo pareceu tão bizarra que Ari Barroso declarou em seu programa na Rádio Tupi: “Me desculpem, mas isso não é banda nem aqui nem no caixa-prego”. A duvidosa qualidade sonora do grupo deu origem ao apelido gaiato de *charanga*, cunhado pelo excêntrico locutor esportivo e por seu colega Everardo Lopes. Apesar da crítica irônica, a declaração de Ari Barroso acabou por divulgar a existência da orquestra, que se tornou conhecida na cidade e fez o nome pejorativo ser adotado como oficial. (HOLLANDA, 2008, p.616, grifo do autor)

O sucesso da Charanga foi tanto que Jaime passou a ser chamado para liderar a torcida nos jogos da seleção. O convite para que o baiano conduzisse os torcedores brasileiros ia além da vontade de ter uma torcida mais forte.

O flamenguista passou a contribuir nas partidas do time do Brasil na metade da década de 1940, quando já se sabia que o país seria sede da próxima Copa do Mundo. Dirigentes e autoridades tinham a preocupação de como o povo brasileiro reagiria durante uma competição de visibilidade internacional e para conter os ânimos e evitar problemas maiores com os fãs do esporte bretão, essas pessoas da alta cúpula do futebol e de instituições governamentais viram como solução a implementação de um chefe de torcida também para o Brasil.

Na época foi feita uma campanha de conscientização junto aos torcedores brasileiros em relação ao uso de palavrões, do arremesso de objetos em campo e sobre o horário de chegada ao estádio (HOLLANDA, 2008).

Essa preocupação com a torcida acontecia porque a construção do Maracanã era totalmente fora dos padrões conhecidos no Rio de Janeiro. O Templo do Futebol, na sua inauguração, tinha seis vezes mais lugares que o segundo maior estádio da cidade, que era São Januário, que tinha capacidade para aproximadamente 30 mil torcedores. Com isso a torcida passou a ser vista de uma forma diferente, agora ela era tida como abstrata e coletiva, e não mais de uma forma individual e concreta como anos atrás. Além disso, o torcedor começou a ser observado como um homem médio e sem esclarecimento. O recém-inaugurado palco da final da Copa do Mundo de 1950 e 2014 atraía muito mais gente do que antes e a mudança quantitativa de público foi o principal fator para que esse olhar mudasse.

Os torcedores brasileiros no dia 16 de julho de 1950 passaram com louvor na primeira e maior prova que tiveram de civilidade no Maracanã. Naquele dia, Brasil e Uruguai se enfrentaram na final da Copa do Mundo diante de quase 200 mil pessoas – muitos entraram sem ingresso no estádio. A seleção brasileira abriu o marcador com Friaça, aos dois minutos do segundo tempo, mas Schiaffino empatou aos 21, e o golpe fatal veio aos 34, pelos pés de Ghiggia, que emudeceu o Maracanã. Após o apito final o estádio virou “o maior velório da face da Terra” (FILHO, 2010, p.288). Mas os brasileiros se comportaram como *gentlemen* ingleses e souberam agir com educação perante tanta tristeza. A atitude foi exaltada pelo então presidente da FIFA, Jules Rimet, que disse que os torcedores se comportaram com dignidade e patriotismo.

O episódio também aumentou o crédito de Jaime com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), instituição responsável pelo futebol brasileiro. A CBD, vendo como positiva a liderança do chefe torcida no

mundial, decidiu mantê-lo no cargo e nos anos posteriores chegou até a levá-lo para jogos fora do Brasil, como para a Copa do Mundo de 1954. O flamenguista esteve à frente da torcida brasileira até as eliminatórias para a Copa de 1970. Depois, o torcedor chegou a ir até ao Mundial de 1974, porém não como chefe de torcida, mas como convidado do “Jornal dos Sports”. Jaime morreu em 1976 e esteve à frente da Charanga Rubro-Negra até dois anos antes do seu falecimento.

Assim como o Flamengo tinha Jaime de Carvalho e sua Charanga os outros times cariocas também tinham suas torcidas organizadas e seus embaixadores. Podemos citar algumas lideranças do início do século passado: “Domingos Ramalho, João de Luca e Tia Aida do Vasco da Gama; Salvador Peixoto e Tolito do Botafogo; Peitão e Guimarães do Fluminense, Alfredo Pinto e Tia Helena do Flamengo. Se quisermos aludir times pequenos: Gama, do Campo Grande; Hamilton do Bonsucesso; e Júlio, da Portuguesa.” (CASTRO apud HOLLANDA, 2012, p.100). Dentre esses nomes e outros, podemos destacar alguns torcedores que colaboraram com a criação das torcidas de seus clubes: Aida de Almeida fundou a Torcida Organizada do Vasco (TOV) em 1944; Paulista, velho conhecido dos tricolores, formou a Torcida Organizada do Fluminense (TOF) em 1946; e Tarzan, também na década de 40, ajudou a instituição da Torcida Organizada do Botafogo (TOB).

Aida de Almeida, chamada carinhosamente também como Tia Aida, nasceu em 1925 e começou a frequentar São Januário aos sete anos acompanhada por seu pai Antônio de Almeida. Tia Aida era de Bonsucesso, onde sua família tinha uma madeireira, mas o negócio dela mesmo era o Vasco. Aos 19 anos, em parceria com outros amantes do clube da colônia portuguesa, fundou a primeira torcida organizada do time, a Torcida Uniformizada do Vasco (TUV), que seis anos depois foi renomeada para Torcida Organizada do Vasco (TOV). Aida frequentou o estádio até o final de sua vida – morreu em 2010 -, mas guardava com nostalgia os primórdios do futebol carioca “Havia mais respeito. Agora, não. As torcidas se matam. Os jogadores tinham amor à camisa diferentemente de hoje, quando só pensam em ficar ricos” (MATTOS, 2007, p.25).

O ilustre torcedor do Fluminense, Carlos Guilherme Krüger, conhecido também como Paulista, nasceu em Bebedouro no interior de São Paulo, em 1914, filho de alemão com índia. O Tricolor teve carreira militar e se mudou para Niterói em 1937, quando começou a trabalhar no almoxarifado e no escritório da Prolar, graças à ajuda de Benício Ferreira Filho, benemérito e vice-presidente do Fluminense. Inicialmente, o bebedourense

nutria simpatia pelo América, mas a quantidade de jogadores naturais de São Paulo no clube rival fez com que Carlos pendesse para o lado do time das Laranjeiras. Mas o que consolidou o amor de Paulista pelo Fluminense foi o Fla-Flu da final de 1941, famoso pelas bolas jogadas na Lagoa. Após a partida houve uma grande confusão entre os torcedores dos dois times e Carlos estava no meio. O chefe de torcida tricolor ajudou a fundar a Torcida Organizada do Fluminense, em 1946, e teve grande momento à frente da facção em 1951, quando liderou seus pares no título do “Duelos das Torcidas” promovido pelo “Jornal dos Sports”. Paulista esteve à frente da TOF até os anos 60, quando passou a ser questionado pelos membros mais novos da organização (HOLLANDA, 2008).

Octacílio Baptista do Nascimento, ou Tarzan. Não é difícil imaginar o porquê desse apelido. O mineiro nascido em Grão-Mongol, em 1927, era chamado pelo nome do herói da floresta devido ao seu físico avantajado. Tarzan antes de morar no Rio de Janeiro morou em Belo Horizonte, onde torcia para o Atlético Mineiro. Quando se mudou para terras cariocas para trabalhar como pedreiro na construção do Hospital do Servidores optou por acompanhar o Botafogo devido as cores do clube que se assemelhavam às de seu antigo time. Octacílio era reconhecido por toda torcida botafoguense e sua marca registrada eram os grandes foguetórios antes do início das partidas. Outra característica sua era a sinceridade: não poupava jogadores, dirigentes e nem craques como Garrincha, da sua língua afiada (HOLLANDA, 2008).

Esses torcedores seguidos por suas torcidas foram os primeiros a ocuparem o cimento do Maracanã. Os embaixadores, ou “torcedores símbolos”, tiveram papel crucial no novo estádio, que era totalmente fora dos padrões já vistos. Como já dito anteriormente, o Gigante do Derby permitia que agora uma maior quantidade de pessoas fosse ao estádio. E se por um lado uma praça esportiva grande e bem estruturada evitava acidentes como o ocorrido em 1943, quando o São Cristóvão mandou construir às pressas em seu campo uma arquibancada de madeira, que caiu aos 15 minutos de jogo contra o Flamengo, deixando oito mortos e centenas de feridos, por outro as confusões ficariam ainda maiores. E em relação a isso os chefes de torcida ajudaram muito a polícia, pois acalmavam os ânimos de seus pares e ajudavam na entrada e na saída do público. Tia Aída, em depoimento ao jornalista Hilton Mattos, contou um episódio, quando juntamente de Jaime de Carvalho evitou uma grande briga entre flamenguistas e vascaínos: “O pessoal estava se misturando, ia ter confusão. Então, eu procurei o Jaime e nós mandamos o nosso pessoal ficar nas rampas de acesso à arquibancada orientando o torcedor que chegava. E assim

ficou perpetuado que o lugar do Vasco é à direita das cabines de rádio, e o do Flamengo, o lado esquerdo” (MATTOS, 2007. p.27).

#### **4.3- A decadência dos chefes de torcida e o surgimento das Torcidas Jovens**

No final da década de 1960 e início da de 1970 as charangas e os “chefes de torcida” começaram a ser colocados em dúvida. Os motivos eram vários, desde o adoecimento de alguns antigos líderes até a censura, porque alguns embaixadores reprimiam vaias e xingamentos. A maioria dos descontentes eram jovens que queriam se expressar como quisessem, principalmente protestar e contestar seus times, o que não era possível antes, já que os chefes de torcida pregavam o apoio incondicional aos clubes. Nesse momento começa a passagem da carnavalização para a juvenilização (HOLLANDA, 2012). E além dos fatores já citados acima alguns outros nos ajudam a entender esse processo de rompimento nessas organizações:

Nesse sentido, a intensificação da presença de público no Maracanã pode ter sido um fator contribuinte para a fermentação das desavenças no interior de cada torcida, somada a mudanças estruturais no mundo do futebol: a concretização de um segundo momento de profissionalismo entre os jogadores, a criação de um torneio nacional de clubes e a consolidação das transmissões televisivas, ainda mais alargadoras da malha clubística do país. (HOLLANDA, 2012, p.100)

Uma das primeiras “Charangas” que entrou em crise foi a Torcida Uniformizada do Fluminense. Em meados da década de 60 Paulista ficou doente e precisou se ausentar das arquibancadas, em seu lugar ficou Bolinha, conhecido por tocar seu sino durante as partidas. Depois de se recuperar de sua enfermidade, Carlos voltou a comparecer aos jogos para liderar os tricolores, mas essa situação incomodou Bolinha, que questionava se a liderança da torcida não devia ser alterada. Descontente, o suplente de Paulista em 1967, em um jogo do Fluminense, pendurou uma faixa escrita “Torcida Dissidente”. E a partir daquele momento houve um racha na torcida do clube das Laranjeiras. A nova organizada tricolor não vingou e somente no segundo semestre de 1970 o Fluminense ganhou duas torcidas juvenis (Young-Flu e Força-Flu) que acompanharam o time de maneira constante, de fato.

Também em 1967 outra torcida sofreria uma ruptura e por motivos parecidos. Naquele ano, Pedro Paulo Bebiano, incomodado por não poder se expressar como queria, descontente com a liderança de Jaime de Carvalho e aproveitando o vácuo de liderança que

havia acontecido, quando o “chefes dos chefes” adoeceu, fundou o Poder Jovem, que em 1969 mudaria de nome para “Torcida Jovem Fla”. A recém-fundada organizada teve um ato que chamou atenção à época, seus componentes deixaram o lado esquerdo das cabines de rádio do Maracanã, lugar tradicional da torcida do Flamengo, e migraram para atrás do gol, onde até hoje, quando não estão suspensos, marcam presença.

O caso da quebra na Torcida Organizada do Vasco é peculiar. O grupo, na época, era liderado por uma mulher: Dulce Rosalina. Em um ambiente machista isso gerava muito incomodo. A embaixadora, mesmo sendo muito respeitada por boa parte dos vascaínos e da imprensa, foi contestada e em 1970 surge a Força Jovem Vasco liderada por Eli Mendes. Um outro fator que contribuiu para o rompimento na torcida foi o acidente sofrido por Dulce na rodovia Presidente Dutra, em 1968, que a obrigou a ficar fora dos estádios por um tempo.

O surgimento de uma nova torcida do Botafogo também se deu em parte por causa da ausência de Tarzan em partidas do time. Como já dito anteriormente, Octacílio nasceu em Minas Gerais e algumas vezes retornava para seu estado de origem e por causa disso deixava de ir a alguns jogos do Alvinegro. No entanto, essa situação incomodava muitas pessoas da TOB e muitas outras fora dela também. Devido a esse caso, mais o ambiente comum de questionamento nas torcidas, é fundado o Poder Jovem (nome igual ao da torcida do Flamengo), que seria depois rebatizado de Torcida Jovem do Botafogo.

Em São Paulo, praticamente no mesmo período, também foram criadas as torcidas jovens. Em 1969 surgiram a Gaviões da Fiel do Corinthians e a Torcida Jovem do Santos, em 1970 a Torcida Organizada do Palmeiras e em 1972 a Torcida Independente do São Paulo. Tanto nas terras cariocas como nas paulistas os principais motivos para a criação dessas torcidas foram o desejo de liberdade, de autonomia em relação à diretoria dos clubes, e a discordâncias em relação aos chefes de torcida. Mas no fundo o principal motivo para as cisões era o poder, assim como disputa ocorre em vários segmentos da sociedade, nos estádios não é diferente. Porém, há uma diferença no contexto em que essas organizações foram criadas. Enquanto no Rio de Janeiro as novas torcidas tiveram influência da contracultura, de movimentos civis, de iniciativas contra o poder no futebol e tinham um certo espaço para se manifestar, em São Paulo isso não ocorreu, pois todas elas foram criadas depois da instauração do AI-5 sob um regime mais fechado e mais autoritário.

Tanto em São Paulo tanto quanto no Rio de Janeiro o processo de desmembramento da torcida continuou nos anos posteriores. E dessa forma teve fim a lógica “unitária: *um* clube, *uma* torcida, *um* chefe” (HOLLANDA, 2012, p.110, grifos do autor)

Com a criação das torcidas jovens, houve uma mudança do jeito de torcer e nos símbolos da torcida. O apoio incondicional, as músicas em ritmo de marchinhas e os adereços que eram quase carnavalescos dão espaço aos xingamentos, as vaias, as canções são influenciadas pelo samba, inicialmente, e depois pelo funk e pelos *hits* do momento e os objetos passam a remeter a virilidade e a sensualidade.

Para exemplificar a mudança no contexto radiofônico tomaremos como exemplo duas letras de música da torcida do Flamengo. A primeira faz uma releitura do samba enredo “Festa Profana”, da União da Ilha do carnaval 1989, e a segunda é uma adaptação do funk “O General chegou”, do MC G3, produzida em 2013.

Letra original “Festa Profana”:

O rei mandou cair dentro da folia  
E lá vou eu (e lá vou eu)  
O Sol que brilha nessa noite vem da Ilha  
Lindo sonho que é só meu

(Vem amor)  
Vem, vem amor!  
Na poesia vem rimar sem dor  
Na fantasia, vem colorir  
Que a vida tem mais cor  
Vem na magia  
Me beija nesse mar de amor  
Vem, me abraça mais  
Que eu quero é mais  
O teu coração

Eu vou tomar um porre de felicidade  
Vou sacudir, eu vou zoar toda cidade

Êh! Boi Ápis  
Lá no Egito, festa de Ísis  
Êh! Deus Baco, bebe sem mágoa  
Você pensa que esse vinho é água?  
É primavera!  
Na lei de Roma, a alegria é que impera  
Oh! Que beleza!  
Máscara negra lá no baile de Veneza

Oi joga água que é de cheiro  
Confete e serpentina



Lança perfume no cangote da menina.<sup>20</sup>

Adaptação da música “Festa Profana” feita pela torcida do Flamengo:

O rei mandou cair dentro da folia  
E lá vou eu (e lá vou eu)  
O sol que brilha nessa noite vem da ilha  
Lindo sonho que é só meu

(Vem amor)  
Vem, vem amor!  
Na poesia vem rimar sem dor. Na fantasia, vem colorir  
Que a vida tem mais cor  
Vem na magia  
Me leva nesse mar de amor  
Vem, me abraça mais  
Que eu quero é mais  
O teu coração  
Ôôô  
Uhh!

Vou sacudir a Força Jovem na cidade  
Eu vou tomar um porre de felicidade  
Vou sacudir a Força Jovem na cidade

Êh! Boi ápis  
Lá no Maraca, festa da raça  
Êh! Boi darco, bebe sem mágoa  
Você pensa que esse time é água?  
(É primavera)  
É primavera!  
Lá no Maraca é a raça quem lidera  
Oh! Que beleza!  
Mais um golaço do Gabigol de cabeça

O joga água que é de cheiro  
Confete e serpentina  
Vou dar porrada na torcida vascaína.<sup>21</sup>

Letra original “General chegou”:

Acabou o caô, o general chegou, o general chegou  
Acabou o caô, o general chegou, o general chegou

É o trem, é o trem bala da alta  
E o ponto final é lá na praça  
Mas as novinhas, tão passando mal  
Elas já tão comentando que o G3 é o general

E se der mole você toma prejuízo  
Porque aqui manda quem pode, obedece quem tem juízo

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/uniao-da-ilha-rj/49207/>. Acesso em: 09 de junho de 2019.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/flamengo/festa-profana/>. Acesso em: 09 de junho de 2019.

Acabou o caô, o general chegou, o general chegou  
Acabou o caô, o general chegou, o general chegou  
Acabou o caô hein<sup>22</sup>

Releitura da torcida do Flamengo do *hit* “O General chegou”:

Acabou o "caô"  
O Guerrero chegou  
O Guerrero chegou

Acabou o "caô"  
O Guerrero chegou  
O Guerrero chegou

Já ouvi o barulho da Raça  
Que aos poucos vai levantando a massa  
Bate o repique e o barulho do surdão  
O Maraca estremece com a torcida do Mengão

Com o som da Jovem ninguém vai ficar parado  
Nós vamos numa só voz e o Maraca avermelhado  
E acabou o caô...

Acabou o "caô"  
O Guerrero chegou  
O Guerrero chegou

Acabou o "caô"  
O Guerrero chegou  
O Guerrero chegou<sup>23</sup>

No lado da simbologia essa alteração também é muito marcante. As imagens que remetiam a coisas do próprio clube ou a características da própria torcida são mudadas para coisas que remetem a força, a virilidade, ao poder. Na torcida do Flamengo, por exemplo a Charanga tinha como ícone a lira, já a Jovem Fla tem um canhão; a Torcida Organizada do Fluminense usava muito a imagem do cartola, enquanto a Young Flu usa o duende verde – vilão do Homem-Aranha; no Vasco, se a TOV usava o almirante, a Força Jovem usa o “Eddie”, mascote da banda britânica Iron Maden; e no Botafogo o manequinho e o Pato Donald, esse usado em menor proporção, são trocados por um cachorro raivoso. Esse processo também aconteceu em São Paulo como diz Souza:

A imagem gráfica do santo que a Torcida Independente do São Paulo ostentava em seus adereços (camisas, bandeiras, faixas) sofre essa

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/mc-g3/o-general-chegou.html>. Acesso em: 09 de junho de 2019

<sup>23</sup> Disponível em: <http://www.suasletras.com/letra/Mc-G3/O-Guerrero-Chegou/85177>. Acesso em: 09 de junho de 2019

transformação. Antes, de aparência brejeira e infantil, cultivando a obesidade e com um sorriso no rosto, dá lugar a um personagem “bombado” na forma de um corpo musculoso, viril e com um semblante sério, de “atitude”, característica comum à época. O pequeno mosqueteiro da Camisa 12 do Corinthians, que era representado no desenho de uma criança fantasiada, se torna um adolescente a sofrer com as transformações corporais da idade, exibindo uma forma atlética viril. (SOUZA, 2017, p.48)

Porém não foram somente as músicas e os símbolos que mudaram, a estrutura e a organização das torcidas também passaram por transformações. Esses grupos começaram a ser burocratizados e despersonalizados, não havia uma liderança central. As tarefas nessas novas bases eram mais divididas. Com isso, essas organizações ganharam força e, além de apoiar seus times em casa, também passaram a viajar para torcer por seus times.

Mas retornaremos ao ponto do uso de símbolos ligados à força e a violência pelas torcidas jovens. Para compreender o porquê desses símbolos serem usados precisamos entender sobre qual contexto essas instituições foram criadas. Elas nasceram em um ambiente bélico, de opressão e de pouca liberdade. Como explica Murad:

as torcidas organizadas violentas surgiram na década de setenta, no auge da ditadura militar. Em especial entre 1969 e 1973, nasceram as ‘organizadas’ (‘uniformizadas’ em São Paulo), que, hoje, atemorizam o país. Fundadas na conjuntura superior do Estado neofascista, implantado no Brasil a partir de 1964, sua gênese foi demarcada pela ideologia da violência política, definidora do período ‘AI-5 – Médici’. Alimentadas por uma visão de mundo intolerante e excludente, de fundamento antidemocrático, sua prática não poderia ser outra, que está acumulada em sua experiência contemporânea: a competitividade selvagem, o antagonismo opressor, a invasão territorial e a eliminação das diferenças pelo uso da força (MURAD apud SOUZA, 2017, p.36).

E esse contexto político influenciou muito as características e as ações das torcidas jovens. Elas rapidamente saíram das páginas de esporte dos jornais e foram para as de polícia. Em quase todo clássico são registradas confusões entre facções de times diferentes. Essas brigas passaram a acontecer além do estádio e começaram a ser promovidas em ruas, praças e em estações de metrô e trens. Essas organizações nem tentam disfarçar o tom beligerante que possuem, basta observarmos os nomes dados para suas divisões que iremos entender que a cultura da violência está altamente atrelada a elas. Seguem alguns exemplos: pelotão, destacamentos, esquadrão, comandos, legião e tropas. E essas referências bélicas não param aí, os líderes das “jovens” são chamados de capitães, coronéis, tenentes e sargentos. E como exércitos esses grupos também começaram a fazer alianças. Em 1983, a Mancha Verde, organizada do Palmeiras, se aliou à Força Jovem

Vasco e as duas instituições passaram a se ajudar, além de se protegerem contra torcidas rivais.

Todavia, também em 1983, Armando Giesta, um dos líderes da Young Flu, organizada do Fluminense, tenta aproximar e melhorar a relação entre as torcidas dos times rivais e idealiza a Associação das Torcidas do Rio de Janeiro (Astorj). Essa Associação também serviria para ser uma força corporativa e graças a isso as torcidas ganharam naquele ano 23 salas no Maracanã. No entanto, o projeto não foi para a frente e acabou.

Dois anos depois, Niltinho, presidente da Jovem Fla, como Giesta, buscou criar um ambiente saudável entre as facções e ajudou a promover o Simpósio da Paz. E em 1987, sob o contexto da formação do Clube dos 13, foi realizado o primeiro Congresso de Torcidas Organizadas dos Grandes Clubes, que visou discutir a nova administração e gestão dos clubes. Mas nenhuma dessas iniciativas mudou muita coisa.

A violência nas jovens fez com que surgisse uma visão preconceituosa na época e que dura até hoje, a de que as torcidas organizadas são truculentas por causa da influência das gangues das comunidades de Rio de Janeiro e São Paulo. Obviamente que boa parte das organizações eram e são compostas por torcedores que não vivem em bairros de classe média ou alta, mas isso não significa que é por isso que esses grupos possuem um tom bélico. O que muitas vezes não é verificado é que o futebol, nesse caso as arquibancadas, são o reflexo de nossa sociedade, uma característica apontada no segundo capítulo deste trabalho e também compartilhada por Salles: “é importante perceber que a violência entre torcedores é uma forma de reflexo da violência que acontece na sociedade, problemas de ordem social, como o desemprego, a falta de acesso à educação e à saúde” (SALLES, 2012, p. 14).

Mas ainda no assunto violência, dois episódios fora do Rio de Janeiro marcaram o futebol entre a segunda metade da década de 1980 e a 1990. A morte de Cleofas Sóstenes Dantas Silva, o Cléo, um dos líderes da Mancha Verde, que foi baleado com dois tiros próximo à sede da organizada do Palmeiras e a Final da Supercopa de Juniores entre Palmeiras e São Paulo, onde palmeirenses e são paulinos protagonizaram um batalha campal que resultou na morte de Márcio Gasparin da Silva, de 16 anos, e deixou outras 102 pessoas feridas. Após o episódio, a promotoria pública de São Paulo acabou com a Torcida Independente e com a Mancha Verde.

As torcidas organizadas ao longo tempo foram deixando de ser dependentes dos clubes e começaram a se relacionar com outros setores da sociedade, principalmente os grupos paulistas. Em São Paulo essas organizações se aproximaram do samba e torcidas como Mancha Verde e Gaviões da Fiel até desfilam no carnaval, como escolas de samba. Isso ampliou a área de atuação desses grupos e aumentou o poder de negociação com o poder público, além de ajudar a afastar o nome dessas instituições de notícias policiais.

Mas as torcidas jovens não são somente violência e confusão. Esses grupos na maioria das vezes são responsáveis por confeccionar bandeiras, produzir novas músicas, fazer adereços e ritmar as arquibancadas. Porém, esse lado é poucas vezes retratado pela mídia, que na maioria dos casos fala somente sobre os aspectos ruins dessas organizações, além de difundir termos sensacionalistas, como é apontado por Fabiano (2016) em seu trabalho. A jornalista ainda traz um dado importante em sua monografia sobre a porcentagem de componentes que se envolvem em confusões:

A violência entre torcedores no Brasil é praticada por uma minoria de vândalos que oscila entre 5% e 7% das torcidas organizadas. [...] As chamadas torcidas organizadas já são minoria, dentro do universo geral de milhões de torcedores. Sendo assim, não se pode generalizar, muito menos criminalizar, as torcidas como um todo. (MURAD apud FABIANO, 2016, p.22)

Esse dado nos ajuda a observar como são desproporcionais as medidas da Justiça quando punem toda a torcida por causa de uma minoria. É verdade que esses grupos também não ajudam e não entregam os verdadeiros autores dos crimes, mas isso não é justificativa para se punir o todo. Além do que, já ficou provado que a suspensão das organizadas dos jogos não é eficaz. É necessário achar os verdadeiros culpados e fazer com que paguem pelos seus erros. Uma medida que inibiria a ação de outros torcedores, porque acabaria com a sensação de impunidade, além passar um maior grau de seriedade. Um Cadastro Nacional de Torcedores para que houvesse essa punição personalizada foi pensado em 2006 pelo Ministro do Esporte, Orlando Silva Júnior, mas a iniciativa acabou indo para a gaveta e depois disso houve poucos avanços nesse sentido.

Uma outra característica das organizadas deste período que não pode ser esquecida é o seu uso para fins políticos, dentro e fora de seus clubes. Esses grupos começaram a atuar além dos estádios e passaram a interferir na vida política dos seus times e de suas cidades. Como relata Fabiano:

Muitos escritos consideram as torcidas organizadas como uma massa de manobra utilizadas para promover dirigentes dentro da esfera do esporte, mas também política. Alguns dos exemplos mais emblemáticos puderam

ser vistos nos últimos 15 anos no Clube de Regatas Vasco da Gama. Neste período, Eurico Miranda e Roberto Dinamite se revezaram no cargo de presidente do clube, e ao mesmo tempo exerciam papéis na política brasileira. (FABIANO, 2016, p.20)

Além das torcidas jovens, outros dois tipos de torcida também surgiram entre a década de 70 e o início dos anos 2000: a comunitária, onde seus componentes tinham em comum o lugar em que viviam, e a de gênero, majoritariamente torcidas femininas.

#### **4.4 – Sócio-torcedor: a criação de torcedores consumidores?**

No final da década de 90 e início dos anos 2000 um novo fenômeno apareceu no futebol brasileiro. Neste período começou-se a falar de um torcedor atrelado ao seu time de forma regularizada e que através do pagamento de mensalidades ajudaria a sua equipe e obteria vantagens, como descontos em ingressos.

O Brasil nessa época passava por um momento de reafirmação, a democracia estava voltando a se consolidar, depois de 21 anos de ditadura, a inflação estava sendo controlada com a implementação do Plano Real e o país estava tentando se alinhar ao contexto neoliberal da época. Havia uma tentativa de modernização do Brasil através do investimento em tecnologia, do fechamento de acordos internacionais, do estímulo à importação e de privatizações. Contudo, é importante lembrar que nesse período o desemprego aumentou, assim como as taxas de juros, a dívida externa e a desigualdade social. E o futebol não ficaria fora desse contexto. Já em 1991, Fernando Collor levou para o Congresso um projeto para cobrar que os clubes tradicionais brasileiros se modernizassem e fossem mais responsáveis financeiramente, sugerindo que houvesse uma administração num modelo empresarial. Esta iniciativa ficou conhecida como Lei Zico. No entanto, a ideia foi descaracterizada e o projeto virou apenas sugestão para as instituições. Apenas em 1998, no governo de Fernando Henrique Cardoso, é que surge uma lei que visa regulamentar as práticas administrativas dos times de futebol, a Lei Pelé. Essa medida tinha uma preocupação financeira e sinalizava a compreensão do torcedor como um consumidor.

Além dessa visão mercadológica, um outro fator que estava sob debate na época em relação aos torcedores era a segurança no estádio, como visto no capítulo anterior. Esses dois pontos foram os principais agentes para o surgimento do sócio-torcedor. Uma ideia cuja a autoria é disputada por diversos segmentos da sociedade brasileira.

No dia quatro de setembro de 1996, a Folha de São Paulo publicou uma notícia dizendo que a Polícia Militar encaminhara um projeto para a criação do sócio-torcedor à Federação Paulista de Futebol. Esse documento previa que os torcedores seriam cadastrados e que suas informações fossem para um banco de dados. Desta maneira a PM conseguiria punir qualquer torcedor que cometesse um delito e sua carteirinha seria suspensa (TOLEDO, 2012).

No entanto, Claudio Romero, ex-presidente da Associação das Torcidas Paulistas, disse que um projeto muito parecido com o da Polícia Militar já tinha sido sugerido à Federação no ano anterior. E além disso uma outra matéria da Folha de São Paulo, datada de 31 de agosto, dizia que o Corinthians adotaria um plano de sócio-torcedor para substituir as organizadas (TOLEDO, 2012). O clube do Parque São Jorge não implementou tal medida naquele ano, assim como não acabou com as organizadas.

O sócio-torcedor ganha força realmente no início dos anos 2000. “Entre os anos de 2003 a 2010, diversos programas [...] finalmente saem do campo das ideias e são lançados, gerando um novo modelo de torcedor e uma nova maneira de torcer para o seu clube” (SOUZA, 2017, p.52). Como já dito anteriormente um dos motivos que fizeram que surgisse esses projetos nos clubes foi a violência. O Brasil assim como importou o futebol da Inglaterra, também tentou trazer para cá a solução deles para as brigas relacionadas às organizadas, lá chamadas de *hooligans*.

A terra da rainha durante os anos 70 e 80 sofreu com uma grande onda de violência entre torcidas dentro e fora do estádio. Contudo, foi um episódio fora da Inglaterra em 1985 que chamou mais atenção para esse assunto: a “Tragédia de Heysel”. Em Bruxelas, na Bélgica, Liverpool (Inglaterra) e Juventus (Itália) se enfrentavam pela final da Copa do Campeões da Europa, mas o jogo contou com um capítulo infeliz. Os torcedores ingleses atacaram os italianos e a briga terminou com 39 pessoas mortas e centenas de feridos. Como consequência as equipes inglesas foram punidas com cinco anos de suspensão das competições europeias. A decisão contou com o aval do governo britânico e da *Football Association* (FA), instância máxima do esporte na Inglaterra (OLIVEIRA, 2015).

Mas isso não foi o suficiente para controlar os *hooligans*. Foi necessário que mais uma tragédia acontecesse para que medidas mais eficazes fossem tomadas. Em 1989, Liverpool e Nottingham Forest se enfrentavam pela final da Copa da Inglaterra, no estádio de Hillsborough, em Sheffield, quando aos seis minutos de partida, um grande conflito começou no *terrace* (como são chamadas as gerais inglesas), da torcida dos Reds (apelido

do Liverpool). No final da confusão, 95 pessoas morreram e milhares ficaram feridas. O caso gerou grande repercussão na Inglaterra e chegou à primeira-ministra, na época Margaret Thatcher, que chamou o chefe do Judiciário, Peter Taylor, para comandar as investigações sobre o caso, entender as causas e propor soluções. Após meses de apuração Taylor apontou que:

a tragédia em Hillsborough havia sido causada pela combinação da má estrutura do estádio – número reduzido de catracas, falta de sinalização adequada no interior, entrada massiva de torcedores minutos antes do início da partida após a abertura dos portões e o despreparo das forças policiais, mais preocupadas em controlar possíveis tumultos causados por *hooligans* do que em garantir a segurança dos presentes. (OLIVEIRA, 2015, p.10)

Esse episódio gerou uma grande transformação no futebol inglês. Os estádios, que eram datados do século XIX foram reformados, o modo de tratar o torcedor foi alterado, o preço dos ingressos aumentou, uma fiscalização mais rígida começou a ser feita e o público-alvo dos times mudou: a classe operária deixou de ser o foco para dar lugar a classe média e à classe alta.

Essas medidas, combinadas com um aumento astronômico das cotas de TV - possibilitada pela criação da Premier League entre 1992 -1993, separando a primeira divisão da Inglaterra das demais – transformaram o futebol inglês. A partir deste ponto os times se modernizaram e mudaram de patamar dentro da Europa. E não se acomodaram, eles continuaram com o processo de evolução do esporte no país até chegarem aos dias de hoje, quando possuem uma das Ligas mais fortes do mundo e conseguem colocar quatro times nas duas principais finais do continente em 2019 (Chelsea e Arsenal na Liga Europa e Tottenham e Liverpool na Liga dos Campeões).

É baseado nesse modelo de sucesso, mas pouco democrático, porque deixou torcedores mais humildes fora da jogada, que o futebol brasileiro se inspirou. No entanto, esse processo no Brasil ainda não atingiu seus objetivos, os times brasileiros têm tido dificuldades em achar o valor ideal do ingresso, um preço que consiga gerar lucro e encher estádio. Um fator que é preponderante em ser analisado para que essa questão seja resolvida é que aqui temos uma renda per capita menor e uma classe baixa maior do que na Inglaterra, por exemplo. Para ter arquibancadas lotadas é necessária a inclusão desses torcedores. Contudo, o que observamos é que as entradas de nossos campeonatos não são compatíveis com a qualidade dos jogos e com o valor do salário mínimo pago por aqui. É verdade que o sócio-torcedor ganha descontos nas entradas, mas os programas ainda não



têm uma grande adesão, se formos comparar com o tamanho das torcidas. A Gazeta Esportiva<sup>24</sup> trouxe um estudo feito pela UEFA que mostra que o valor do *ticket* médio (soma dos valores das entradas de todas partidas dividido pelo número de ingressos vendidos) na temporada 2017/2018 no Brasil é baixo comparado com os das Ligas europeias. Porém quando essa quantia é analisada de acordo com o salário mínimo praticado nos países, vemos que o custo das nossas entradas é elevado, principalmente se formos pensar no produto entregue por cada competição.

**Tabela 1 - Comparação do preço dos ingressos entre países**

<b>Competição</b>	<b>Valor do ticket médio</b>
Liga Inglesa	€ 50,1
Liga Espanhola	€ 35,4
Liga Alemã	€ 32,8
Liga Francesa	€ 26,2
Liga Italiana	€ 22
Liga Portuguesa	€ 13
Campeonato Brasileiro	€ 7,50 <sup>25</sup>

Fonte: Gazeta Esportiva<sup>26</sup>

**Tabela 2 – Comparação dos preços dos ingressos em relação ao salário mínimo**

<b>Competição</b>	<b>Valor do Salário Mínimo</b>	<b>Valor do ticket médio</b>	<b>Porcentagem ticket médio/salário mínimo</b>
Liga Espanhola	€825	€ 35,40	4,24%
Liga Inglesa	€1.400	€ 50,10	3,57%
Campeonato Brasileiro	R\$ 937	R\$32,00	3,52%
Liga Alemã	€1.498	€ 32,80	2,20%
Liga Portuguesa	€625	€ 13	2%
Liga Italiana	€1.100	€ 22	2%
Liga Francesa	€1.480	€ 26,2	1,75%

Fonte: Gazeta Esportiva<sup>27</sup>

Para que essas tabelas sejam compreendidas de maneira correta vale destacar que na Inglaterra não há salário mínimo fixo, as pessoas ganham de acordo com o cálculo entre

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/futebol/futebol-internacional/tabelas-precos-ingressos/>. Acesso em: 15 de junho de 2019.

<sup>25</sup> Valor convertido de acordo com a cotação do Euro (4,2695) no dia da publicação da matéria. Disponível em: <http://www.idealsoftwares.com.br/indices/euro2018.html>. Acesso em: 15 de junho de 2019.

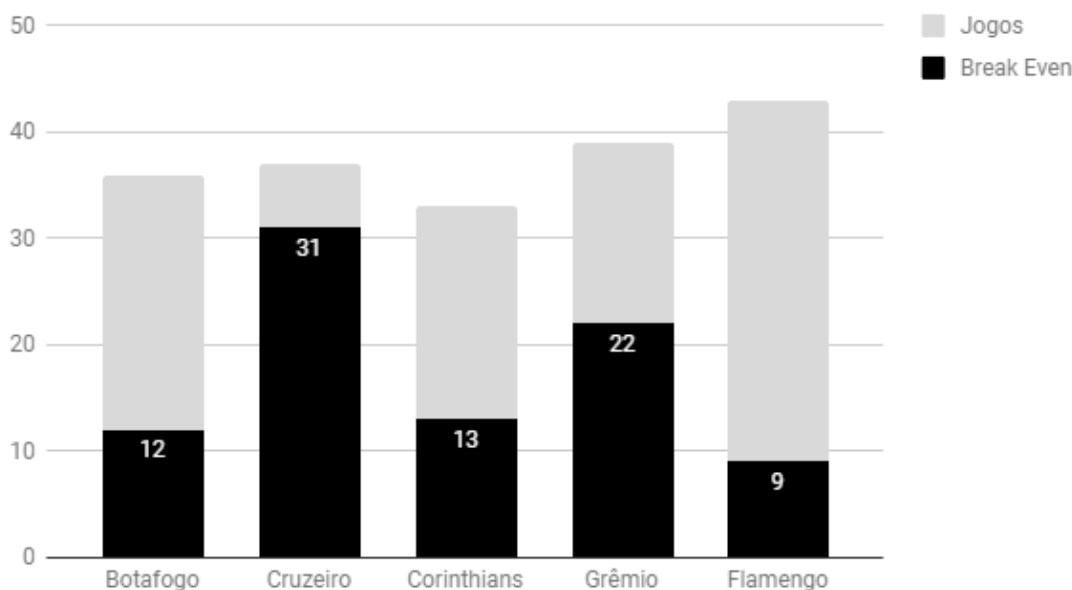
<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/futebol/futebol-internacional/tabelas-precos-ingressos/>. Acesso em: 15 de junho de 2019.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/futebol/futebol-internacional/tabelas-precos-ingressos/>. Acesso em: 15 de junho de 2019.

idade e horas trabalhadas. Na Itália também não há salário mínimo, os trabalhadores recebem de acordo com acordos feitos em convenções e com suas profissões. No entanto, é possível calcular uma média, como foi feito para a produção das tabelas acima pela Gazeta Esportiva. Um outro ponto que vale ser ressaltado é que o cálculo dos *tickets* médios das competições europeias é feito com a inclusão dos custos de transporte e alimentação, o que não acontece no caso brasileiro. Apenas para termos uma noção do quanto isso muda, o *ticket* do Campeonato Brasileiro até a parada para a Copa América deste ano foi de 32 reais, uma Coca-Cola com pipoca no Maracanã custam 15 reais e o bilhete do metrô 4 reais e 30 centavos. O total daria 51 reais e 90 centavos, o que equivale a 5,2% do salário mínimo no Rio de Janeiro (998,00 reais). Numa comparação com os valores da tabela acima, teríamos a maior proporção *ticket* médio/salário mínimo.

Quando vemos esses valores sendo cobrados pelos ingressos e olhamos as vantagens oferecidas para o sócio-torcedor, que na maioria dos casos tem mais de 50% de desconto nas entradas, é vantajoso se associar ao clube, mas isso também relativo à frequência do fã ao estádio. Souto (2018) analisou as vantagens de fazer parte destes planos em cinco clubes: Botafogo, Corinthians, Cruzeiro, Flamengo e Grêmio. O publicitário fez a conta de quantos jogos eram necessários que o torcedor comparecesse ao estádio para que o plano de sócio-torcedor se tornasse vantajoso, o nome desse cálculo é chamado de *break-even*.

**Tabela 3 – Break-even dos times**



Fonte: (SOUTO, 2018, p.48)

Ressaltando que o cálculo feito por Souto foi usando os pacotes *season-tickets* (pacote que dá direito a entrada em todos os jogos da temporada) de cada clube, menos nos casos de Flamengo e Corinthians que não possuíam este tipo de programa, desta forma foi feito o cálculo analisando o desconto dado a cada jogo.

Cada instituição possui um jeito de explorar seu programa de sócio-torcedor. O Internacional, pioneiro no projeto, foi o primeiro time brasileiro a bater a marca de 100 mil sócios, em 2009, e até 2014 foi o único time a conseguir esse feito. Atualmente o Colorado tem 112.756<sup>28</sup> associados, tendo o sexto melhor número entre os clubes brasileiros. Para entender melhor como funcionam essa iniciativa aqui no Rio de Janeiro, iremos analisar os casos de Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco.

O Botafogo de Futebol e Regatas tem o programa mais diferente do Rio. Nele os 21.417<sup>29</sup> sócios-torcedores assinam um plano básico de 14 reais e noventa centavos por mês que dá direito a 10% de desconto em ingressos, a carteirinha personalizada, a descontos em produtos de empresas parceiras do clube e a experiências exclusivas, como conhecer o vestiário do time, e depois podem acrescentar mais serviços ao seu programa, por exemplo, adquirir uma vaga no Nilton Santos, estádio do time, em dia de jogos. Abaixo segue uma tabela com as opções de extensão do plano.

**Tabela 4 – Produtos adicionais do programa de Sócio-Torcedor do Botafogo**

<b>Produto</b>	<b>Valor</b>	<b>Benefício</b>
Jogos com 60% de desconto	R\$ 15,00	- 60% de desconto no ingresso <sup>30</sup>
Acesso Vip	R\$ 240,00	- Acesso aos jogos no setor VIP do Estádio (abaixo da Tribuna de Honra) sem necessidade de check-in <sup>31</sup> - Lounge Vip com bar, banheiro e televisão exclusivos - Atendimento exclusivo por Whatsapp - Camisa oficial autografada

<sup>28</sup> Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/galerias/futebol,veja-qualis-sao-os-times-com-mais-socios-torcedores-no-brasil,38899>. Acesso em: 16 de junho de 2019.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://soubotafogo.bfr.com.br/#/publico/home>. Acesso em: 16 de junho de 2019.

<sup>30</sup> Exceto em clássicos do Campeonato Carioca.

<sup>31</sup> Exceto em clássicos do Campeonato Carioca.

		<p>por um jogador do elenco após o sexto mês de pagamento</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Broche "pin" de lapela do Botafogo</li> <li>- Acesso pelo Hall de Elevadores do Estádio</li> <li>- Possibilidade de check-in em qualquer setor de arquibancada do Estádio<sup>32</sup></li> </ul>
Acesso Premium	R\$ 320,00	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acesso aos jogos na Tribuna de Honra do Estádio Nilton Santos sem necessidade de check-in<sup>33</sup></li> <li>- Vaga no Estacionamento Norte 2<sup>34</sup></li> <li>- Lounge da Tribuna de Honra com bar, banheiro e televisão exclusivos</li> <li>- Atendimento exclusivo por Whatsapp</li> <li>- Camisa oficial autografada por um jogador do elenco após o sexto mês de pagamento;</li> <li>- Broche "pin" de lapela do Botafogo</li> <li>- Acesso pelo Hall de Elevadores do Estádio</li> <li>- Possibilidade de check-in em qualquer setor de arquibancada do Estádio<sup>35</sup></li> </ul>
Pacote Basquete 2018/2019	R\$ 120,00	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pacote com ingresso de todos os jogos do time basquete</li> </ul>
Pacote Oeste 2019	R\$ 700,00	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acesso mediante check-in ao setor Oeste Inferior e Oeste Superior (quando disponível) do Estádio Nilton Santos em todos os jogos com mando de campo</li> </ul>

<sup>32</sup> Exceto em clássicos do Campeonato Carioca.

<sup>33</sup> Exceto em clássicos do Campeonato Carioca.

<sup>34</sup> Exceto em clássicos do Campeonato Carioca.

<sup>35</sup> Exceto em clássicos do Campeonato Carioca.

		do Botafogo na temporada 2019 <sup>36</sup> .
Pacote Leste 2019	R\$ 540,00	- Acesso mediante check-in ao setor Leste Inferior e Leste Superior (quando disponível) do Estádio Nilton Santos em todos os jogos com mando de campo do Botafogo na temporada 2019 <sup>37</sup> .
Pacote Norte 2019	R\$ 240,00	- Acesso mediante check-in ao setor Norte do Estádio Nilton Santos em todos os jogos com mando de campo do Botafogo na temporada 2019 <sup>38</sup> .
Pacote Estacionamento Norte 1	R\$ 350,00	- Direito a uma vaga de estacionamento no setor Norte do estádio
Pacote Estacionamento Norte 2	R\$ 700,00	- Direito a duas vagas de estacionamento no setor Norte do estádio

Fonte: Site do Botafogo<sup>39</sup>

O programa de sócio-torcedor do Fluminense Football Club não possui tantas opções de planos para seus fãs, mas tem três iniciativas que merecem destaque: um plano para crianças, um de baixo custo para que seja acessível a todos os seus torcedores e nos planos mais caros o associado tem direito a voto, iniciativas que podem ser conferidas abaixo. O time das Laranjeiras tem 39.070<sup>40</sup> associados ao seu programa.

**Tabela 5 – Planos de Sócio-Torcedor do Fluminense**

<b>Plano</b>	<b>Valor</b>	<b>Benefício</b>
Mascote	R\$ 9,90	- Promoções ocasionais
Guerreiro	R\$ 9,90	- Promoções ocasionais
Sócio Futebol	R\$ 35,00	- Desconto de 50% nos ingressos - Direito a voto para presidente depois de dois anos
Sócio Futebol + Check-ins	R\$ 75,00 (R\$ 35,00 + R\$	- Direito a ingresso para

<sup>36</sup> Exceto em clássicos do Campeonato Carioca.

<sup>37</sup> Exceto em clássicos do Campeonato Carioca.

<sup>38</sup> Exceto em clássicos do Campeonato Carioca.

<sup>39</sup> <https://soubotafogo.bfr.com.br/#/publico/home>.

<sup>40</sup> Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/galerias/futebol,veja-qualis-sao-os-times-com-mais-socios-torcedores-no-brasil,38899>. Acesso em: 16 de junho de 2019.

2019	40,00)	todos os jogos - Direito a voto para presidente depois de dois anos ininterruptos
Sócio do Clube + Pacote Futebol	R\$ 191,40 (R\$171,40 + R\$ 20,00)	- Direito a ingresso para todos os jogos - Direito a voto para presidente depois de um ano ininterrupto

Fonte: Site do Fluminense<sup>41</sup>

O Clube de Regatas do Flamengo é o time com mais adesão no Rio de Janeiro, são 109.488<sup>42</sup> associados e o que mais tem opções de planos para o seu torcedor, ao todo são oito, que vão de 23,90 reais a 269,90 reais. Duas ofertas merecem destaque: o plano (Nação JR) para crianças, como tem o Fluminense, e a opção (Onde Estiver) para quem mora fora do Rio de Janeiro, uma iniciativa que o Vasco também possui – como veremos posteriormente - devido ao grande número de torcedores fora da Cidade Maravilhosa. Um outro ponto interessante do programa rubro-negro é que nas opções mais caras o associado pode comprar ingressos para convidados. Além disso, o time da Gávea possui um programa de pontuação em que, de acordo com o gasto do torcedor com o clube, ele vai acumulando pontos para trocar por experiências e às vezes até ingresso.

**Tabela 6 - Planos de Sócio-Torcedor do Flamengo**

<b>Plano</b>	<b>Valor</b>	<b>Benefícios</b>
Nação JR	R\$ 23,90	- Carteirinha Personalizada - Kit boas vindas -Experiências exclusivas
Onde Estiver	R\$ 29,90	- Cartão-ingresso -Experiências exclusivas
Raça	R\$ 49,90	- Cartão-ingresso - Prioridade 6 na compra de ingresso - Desconto em ingressos -Experiências exclusivas
+ Raça	R\$ 89,90	- Cartão-ingresso - Prioridade 5 na compra de ingresso - Desconto em ingressos

<sup>41</sup> Disponível em: <http://www.fluminense.com.br/sejasocio>. Acesso em: 15 de junho de 2019.

<sup>42</sup> Disponível em: [https://www.nrnoficial.com.br/?gclid=EAIaIQobChMIInpjfh4H14gIVRSUrCh3qpwqnEAAYASAAEgIjJfD\\_BwE#!/planos](https://www.nrnoficial.com.br/?gclid=EAIaIQobChMIInpjfh4H14gIVRSUrCh3qpwqnEAAYASAAEgIjJfD_BwE#!/planos). Acesso em: 16 de junho de 2019.

		-Experiências exclusivas
Amor	R\$ 129,90	- Cartão-ingresso - Prioridade 4 na compra de ingresso - Desconto em ingressos -Experiências exclusivas
+ Amor	R\$ 169,90	- Cartão-ingresso - Prioridade 3 na compra de ingresso - Desconto em ingressos - Opção de incluir um convidado <sup>43</sup> -Experiências exclusivas
Paixão	R\$ 199,90	- Cartão-ingresso - Prioridade 2 na compra de ingresso - Desconto em ingressos - Opção de incluir dois convidados <sup>44</sup> -Experiências exclusivas
+ Paixão	R\$ 269,90	- Cartão-ingresso - Prioridade 1 na compra de ingresso - Desconto em ingressos - Opção de incluir três convidados <sup>45</sup>

Fonte: Site do Flamengo<sup>46</sup>

O Club de Regatas Vasco da Gama possui quatro opções de associação ao clube: Vantagens nos Jogos, Direito a voto, De Norte a Sul e Gigante do Povo. O primeiro é o programa de sócio-torcedor, onde o vascaíno tem direito a descontos em ingressos para os jogos do time; a segunda modalidade abrange as opções para quem quer ter acesso ao clube, votar e ter desconto nas entradas das partidas; a terceira alternativa é para cruz-maltinos que vivem fora do Rio de Janeiro, ela dá 50% de desconto em ingressos, dá prioridade para a compra dos mesmos e dá um par de ingressos a cada seis meses. Já a última visa atender os torcedores mais humildes que não possuem condições de participarem dos outros planos, pagando 7,98 reais por mês, fora a taxa de adesão de 10 reais, quem adquire esse plano tem direito a carteirinha de associado e concorre a até 500

<sup>43</sup> \* Para convidado é cobrado um valor adicional de R\$39,90.

<sup>44</sup> \* Para convidado é cobrado um valor adicional de R\$39,90.

<sup>45</sup> \* Para convidado é cobrado um valor adicional de R\$39,90.

<sup>46</sup> Disponível em: [https://www.nrnoficial.com.br/?gclid=EAIaIQobChMIInpjh4H14gIVRSUrCh3qpwqnEAAYASAAEgIjJfD\\_BwE#!/planos](https://www.nrnoficial.com.br/?gclid=EAIaIQobChMIInpjh4H14gIVRSUrCh3qpwqnEAAYASAAEgIjJfD_BwE#!/planos). Acesso em: 15 de junho de 2019.

ingressos por partida. Todas as opções dão direito ao programa de experiência do clube e à rede de desconto com as empresas parceiras. Abaixo as opções de planos do programa “Vantagens nos Jogos”, que é a modalidade correspondente ao estilo sócio-torcedor. Uma diferença negativa do Vasco em relação aos seus coirmãos é que para se associar ao clube é necessário pagar uma taxa de adesão, que no caso da opção que iremos analisar é de 25 reais.

**Tabela 7 - Planos de Sócio-Torcedor do Vasco**

<b>Plano</b>	<b>Valores</b>	<b>Benefícios</b>
Caldeirão	R\$ 24,98	- 70% de desconto no ingresso de arquibancada
Colina	R\$ 39,98	- 70% de desconto no ingresso de todos os setores - 1 estrela fixa no rating - Até 2 convidados com até 50% de desconto em todos os setores <sup>47</sup>
Caldeirão Mais	R\$ 69,98	- 100% de desconto no ingresso de arquibancada - 2 estrelas fixas no rating - Até 2 convidados com até 50% de desconto em arquibancada <sup>48</sup>
Colina Mais	R\$ 109,98	- 100% de desconto no ingresso em todos os setores - 3 estrelas fixas no rating - Até 4 convidados com até 50% de desconto em todos os setores <sup>49</sup>

Fonte: Site do Vasco<sup>50</sup>

Os quatro times ainda fazem parte do “Movimento por um Futebol Melhor”, um projeto onde os sócios-torcedores ganham descontos quando compram produtos das empresas parceiras de seu time. A ideia surgiu em 2013 com nove empresas e 15 clubes. A ideia, hoje, tem números muito maiores: são dezenas de marcas associadas e 73 times participantes. O gerente de marketing esportivo da Ambev, João Pedro Zattar, calcula que

<sup>47</sup> Para cada convidado é necessário um pagamento de 20 reais.

<sup>48</sup> Para cada convidado é necessário um pagamento de 20 reais.

<sup>49</sup> Para cada convidado é necessário um pagamento de 20 reais.

<sup>50</sup> Disponível em: <https://sociogigante.com/planos/vantagens-jogos>. Acesso em: 28 de junho de 2019.



desde o início do projeto já foram economizados 145 milhões de reais pelos amantes do futebol.<sup>51</sup>

Apesar de todos os benefícios já apontados e de alguns clubes terem planos para torcedores com renda mais baixa, o custo para se ver futebol aqui no Rio de Janeiro ainda é alto, principalmente para aqueles que ganham pouco. Os programas de sócio-torcedor barateiam as entradas para os jogos, mas os fãs de futebol mais humildes, mesmo que sejam associados, não têm condições de pagar para ir a todos os jogos. As iniciativas de planos mais acessíveis como o do Vasco, por exemplo, não são medidas de inclusão desses torcedores, pois eles ficam dependentes de promoções e/ou sorteios, não é um gesto para que viabilize a ida frequente dessas pessoas ao estádio. Isso é uma forma de amenizar a exclusão que hoje esses torcedores vêm passando. Mas pior do que essas medidas paliativas é ter nenhuma, como o Flamengo. O clube que se diz do povo tem o plano básico mais caro entre os quatro grandes do Rio e não possui nenhuma iniciativa popular. É verdade que o Rubro-Negro vem praticando preços mais baixos do que nos últimos anos, mas mesmo assim o clube tem apenas o oitavo *ticket* médio mais barato do Brasileirão. É pouco para um time que se diz popular e que tem, ou pelo menos tinha, orgulho de gritar “festa na favela” no final dos jogos em que ganhava.

Então, o que vem sendo percebido nos últimos anos é uma gentrificação e um esvaziamento dos estádios, porque os preços cobrados pelos clubes brasileiros não condizem com a realidade do país. Esse processo é destacado por Oliveira (2015):

Ao praticarmos preços incompatíveis com a renda da população (nos ingressos mais baratos, é importante frisar) excluímos do público-alvo do futebol parte considerável de seus potenciais consumidores. E para aqueles que tem renda suficiente oferecemos um produto de qualidade decrescente, a preços crescentes, em um cenário em que as opções de entretenimento disponíveis são cada vez maiores. Alguns argumentos tentam justificar essa estranha contradição, um dos mais recorrentes é o de que os preços baixos “desvalorizam o produto”. Mas tem algo pior para o futebol do que um jogo ruim disputado em estádio vazio? (FERREIRA apud OLIVEIRA, 2015, p.26)

O torcedor tem que ser o foco principal dos times. Sem ele não há futebol. Ele é o responsável direto ou indireto pela maior parte da renda dos clubes. Ter uma parceria melhor com essas pessoas é uma das chaves para a modernização do futebol brasileiro. Como diz Barros (2009): “[O torcedor tem] que ser tratado como centro do negócio e ser o objetivo final de toda e qualquer ação realizada pelo marketing esportivo. É o torcedor

---

<sup>51</sup> Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/2019/04/23/a-nova-jogada-da-brahma-no-futebol.html>. Acesso em: 16 de junho de 2019.

quem tornará os clubes brasileiros viáveis financeiramente, livrando os clubes da dependência existente do dinheiro proveniente da venda dos direitos televisivos e da venda de jogadores” (BARROS, 2009, p. 44).

Então o torcedor tem que ser tratado com carinho, com respeito, pois ele é quem engrandece o time. E hoje, com uma sociedade que oferece uma gama de ofertas de lazer, o futebol precisa ter um diferencial para chamar atenção dos torcedores e também para não deixar que eles se afastem e percam a sua paixão. Uma das maneiras de fazer isso é tratar o torcedor como consumidor, “pois trabalhar para tornar o produto futebol mais sedutor para seu consumidor qualificará o produto e gerará maior demanda, que se bem explorada resultará em grandes dividendos para os clubes de futebol” (BARROS, 2009, p. 44). No entanto, é necessário lembrar que o torcedor não é só um produto ou um meio de conseguir dinheiro. Ele é apaixonado por seu clube, essa relação envolve sentimento, amor, identidade, então nesse processo é necessário muito cuidado.

Mas o sócio-torcedor, por mais que tenha seus defeitos, é uma boa opção para que cheguemos em um modelo de futebol onde o clube consiga arrecadar mais, tenha uma projeção financeira mais concreta, já que há o pagamento de mensalidades e em alguns casos também a venda de *season tickets*, e possua uma estratégia de comunicação e ações mais bem feitas partindo dos dados dos seus associados. Já o torcedor pode ser tratado de uma forma melhor, ganhando cartões personalizados em datas comemorativas, vivendo experiências como conhecer seus ídolos e visitando as dependências do clube, tendo atendimento mais específico, além de ganhar descontos em ingressos e em produtos do time e de empresas parceiras. Lembrando sempre que o preço da mensalidade do sócio-torcedor e das entradas para os jogos tem que ser acessível para os amantes de futebol, dar uma diferença, às vezes, é pouco; é necessário um preço justo. Os times podem ter seus planos caros, assim como seus ingressos, mas é bom que lembrem dos adeptos mais humildes, são eles que geralmente estão com o time em todos os momentos, como num casamento, “na alegria e na tristeza”. O problema é que algumas vezes eles só estão tendo espaço nos momentos ruins, nos bons eles estão sendo excluídos para dar lugar àqueles que podem pagar.

## 5- Conclusão

Para entender o presente é imprescindível conhecer o passado. Tanto o Maracanã como a torcida carioca sempre foram influenciados pelo tempo e espaço que ocuparam e para um bom entendimento destes dois objetos, é preciso saber em quais contextos essas duas partes estiveram inseridas durante o tempo.

O Maracanã, como visto no capítulo 2, desde a sua construção esteve envolvido em debates. Sua administração é um tema discutido até os dias atuais, assim como seu comando e modificações na sua estrutura também são sempre pensados. É curioso ver que o dinheiro gasto no estádio em 1950, assim como em 2014, foi ponto de grande discussão na sociedade e as defesas, mesmo mais de 60 anos depois foram muito parecidas: de um lado aqueles que entendem o Gigante de Concreto como um símbolo de força do país, algo que passa credibilidade para os estrangeiros; do outro, quem pensa que os recursos gastos no estádio poderiam ser utilizados de outra forma. E no centro desse cabo-de-guerra o Maracanã vive há 69 anos e, mesmo passando por uma dezena de reformas desde 1950, ainda é um dos pontos turísticos mais famosos do Rio de Janeiro, além de segunda casa de muitos cariocas. E são os moradores do Rio que, juntamente com as milhares de pessoas vindas de outros lugares do país, dão vida ao “Maior do Mundo”.

O Gigante do Derby, como chamado outrora, não pode ser pensado sem os torcedores. Afinal, a construção dele mudou os parâmetros que eram conhecidos até então. Ele revolucionou o sentido de torcer, os fãs do futebol que eram vistos de forma individual e concreta passaram a ser vistos de um jeito homogêneo e subjetivo. Foi o Maracanã que ampliou o acesso das pessoas ao futebol. Na época da sua construção ele tinha capacidade para 10% da população do Rio de Janeiro, um grande feito para o período, do qual muitos políticos tentaram se aproveitar, pratica comum até hoje. Mas sabemos que o Maracanã é maior do que isso, e, mesmo remodelado durante o tempo, ainda é o Templo do futebol. Qual jogador não quer pisar na sua grama sagrada? Qual torcedor não deseja comemorar um gol em suas arquibancadas? E por toda essa mística ele deve ser preservado e seus maiores guardiões, os torcedores, devem estar dispostos a protegê-lo.

O torcedor, enquanto objeto individual, é muito difícil de ser definido, já que cada um tem suas características, jeitos, manias, superstições e crenças. Mas quando é analisado, como no capítulo 3, de forma coletiva ele apresenta aspectos comuns como: ser influenciado por pessoas do mesmo grupo, sofrer interferência de fatores externos, ter uma mesma motivação que seus pares para agir e geralmente ser liderado por alguém. A torcida

no Brasil, até chegar ao futebol, passou pelas touradas, pelo turfe e pelas regatas. Essa massa homogênea, assim como o Maracanã, é reflexo da sociedade na qual está inserida. Podemos observar as influências da ordem e do ufanismo nas charangas, da burocratização e hierarquização nas torcidas jovens e do liberalismo e dos avanços tecnológicos sobre os sócios-torcedores, como é visto no capítulo 4. Lembrando sempre que as divisões do recorte das torcidas não possuem início e fim fixos e que nenhum torcedor precisa se encaixar em uma delas ou ser caracterizado por apenas uma. Nada impede que alguém seja de uma torcida jovem e seja sócio-torcedor, por exemplo. Essa divisão só foi feita para podermos compreender melhor nosso objeto de estudo.

Vale destacar a influência da indústria cultural e da mídia sobre as torcidas. As músicas mais tocadas nas rádios, mais populares, são modificadas e entoadas nas arquibancadas, assim como podemos observar a adaptação de outros elementos que estão em alta pelos torcedores, como símbolos e imagens. Já a imprensa tem um papel muito importante na construção da torcida carioca. Não é à toa que o Maracanã tem o nome de um jornalista: Mário Filho, um entusiasta do esporte e dos torcedores. Por meio de seu periódico “Jornal dos Sports”, ajudou a criar a cultura torcedora por aqui. O cronista, além de promover o “Duelos das Torcidas”, ainda abria espaço em seu jornal para que os adeptos do esporte bretão pudessem se expressar.

Mais perto dos anos 2000, quem tem um papel na comunicação muito importante na caracterização da torcida é a televisão. Através das suas transmissões que dará destaque para iniciativas das torcidas, assim como em seus programas irá reprimir veementemente a violência nos estádios. O único problema foi que ela ajudou a criar um estereótipo de que as torcidas jovens como um todo são violentas, sendo apenas uma minoria desses grupos que se envolvem em confusões.

E hoje quem tem papel fundamental nesse contexto é a internet. Nela o torcedor é livre para falar o que quiser e quando quiser, além de ajudar no processo de mobilização da torcida, já que a comunicação ficou mais rápida e ampla. Esse meio está ajudando até mesmo na contratação de jogadores, uma vez que os torcedores ao saberem de uma possível negociação entre um jogador e seu clube, vão até o perfil do atleta e começam a exaltá-lo para vestir as cores da sua equipe. Esse tema, comunicação e torcida, deve ser muito bem analisado, pois talvez tenhamos mais influências do que pensamos, valendo assim mais estudos nessa área.

Assim como a mídia, outro fator que interfere sobre os torcedores e o Maracanã é a política. Desde a criação do “Maior do Mundo” até hoje, os rumos do estádio passam pelas mãos de governantes. Podemos observar a influência de Mendes de Moraes em 1950 na construção do estádio e a ação do governo do estado do Rio de Janeiro, nas reformas do século XXI, como pode ser conferido no capítulo 2. Já em relação aos torcedores, um exemplo foi a nomeação de Jaime de Carvalho como chefe de torcida da seleção brasileira para conter os ânimos dos seus pares. Para citar um caso mais recente, podemos falar do tratamento dado pela Justiça e pela Polícia Militar às torcidas organizadas, mais precisamente às torcidas jovens.

As torcidas jovens, que surgiram como um movimento em busca de liberdade e autonomia, ficaram marcadas pela sua relação com a violência. Porém, como vimos no capítulo 4, apenas uma minoria se envolve em confusões, mas medidas como credenciamento de torcedores, investigações mais apuradas e um estudo mais a fundo sobre o tema não são feitos para que esta pequena parcela seja responsabilizada por seus atos. Desta maneira, há uma sensação de impunidade e os infratores voltam a cometer irregularidades, assim como outros se sentem com liberdade para repetirem os mesmos atos. Como sabemos, as torcidas jovens não se resumem a brigas, elas iniciaram as excursões por todo país e são hoje as principais responsáveis pelas músicas e festas nos estádios.

Não podemos esquecer também de um outro fator muito importante no futebol: o dinheiro. Por mais que haja amor, fidelidade, alegria, tristeza e decepção, muitas vezes o que dita o ritmo do jogo é o bolso. Não que os clubes estejam errados em pensar em sua saúde financeira, pelo contrário, estão certos. O grande problema é quando as cifras ganham um peso maior do que deveriam e acabam tendo prioridade superior do que o maior bem do clube: o torcedor. Um exemplo disso são os estádios vazios por causa de ingressos caros. Talvez o saneamento de dívidas e o equilíbrio entre o valor do ingresso e estádio cheio sejam os maiores desafios dos clubes brasileiros atualmente.

O sócio-torcedor é um caminho para resolver a equação estádio cheio com ingresso barato apresentada acima, já que ele aproxima o torcedor do clube e gera uma receita certa para o time. Por outro lado, o associado ganha uma série de vantagens, como a preferência de compra de ingressos para os jogos e descontos em produtos. Contudo, os planos produzidos por esses programas muitas vezes não são acessíveis para as classes mais pobres e os apaixonados por seus clubes pertencentes a esses grupos acabam perdendo o

sentimento de pertencimento que tinham, já que a cada dia que passa conseguem ir a menos jogos. Uma grande perda neste sentido aqui no Rio de Janeiro foi a extinção da geral do Maracanã, local onde eram cobrados preços populares e as pessoas mais humildes conseguiam assistir às partidas. Então, como vimos na quarta seção do trabalho, o que acontece hoje é uma gentrificação dos estádios. No entanto, vale destacar duas ações interessantes que alguns clubes possuem em seus programas, que são os planos para os fãs fora da cidade do Rio de Janeiro e os direcionados para os torcedores mais pobres, nas duas opções são cobradas taxas mais baratas,

Como podemos ver, o tema torcida e Maracanã é muito amplo. O que foi tentado nesse trabalho é mostrar como essas duas partes se interligam e como essa relação foi dada durante o tempo para entendermos o que vivemos hoje. É um estudo que não termina aqui e que pode ser ampliado por vários caminhos. Por exemplo, pode-se produzir uma pesquisa para entender o que o fim da geral mudou para os torcedores ou fazer um trabalho mais personalizado, tentando entender melhor cada torcedor como indivíduo, e não como integrante de um grupo.

## 6- Bibliografia

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989

BORDIEU, Pierre. Jogos Olímpicos. In: **Sobre a televisão – a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p.123 – 128

BARROS, Bruno Pessoa Cavalcanti. **Marketing esportivo no futebol brasileiro e a transformação do torcedor em consumidor**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2009.

BORGES, Fernando Vannier dos Santos. **A identidade do torcedor no país do futebol**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2006.

CAMARGO, Carla de Toledo. **As torcidas e os torcedores no jornal "O Lance!"**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2007.

CARAUTA, Alexandre. A segunda tela entra em campo: como as novas práticas interativas – ou a troca do radinho pelo celular – mudam o consumo de futebol. In: **Revista Alceu**, v.16, Rio de Janeiro, p.37-58, 2008.

DA MATTA, Roberto. Esporte na sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: DA MATTA, Roberto (org.). **O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothek, p.19 – 43, 1982.

FABIANO, Livia. **As Torcidas Organizadas no Jornalismo Esportivo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2015.

FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em História Social da Cultura). Rio de Janeiro: PUC, 2008.

MALAIA, João M. C. “Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950”. In: HOLLANDA, B. de (et. al.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MATTOS, Hilton. **Heróis do cimento – o torcedor e suas emoções**. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

MÁXIMO, João. **Maracanã: Meio século de paixão**. Rio de Janeiro: Dorea Books, 2000.

MELO, Victor Andrade de. “Sportsmen: Os primeiros momentos da configuração de um público esportivo no Brasil”. In: HOLLANDA, B. de (et. al.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2012

NETO, Helcio Herbert. **O Novo Maracanã: As Mudanças do espetáculo a partir das alterações no estádio Carioca**. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2014.

PEREIRA, Marcel Queiroz. **A Nação: como e por que o Flamengo se tornou o clube com a maior torcida do Brasil**. Rio de Janeiro: Maquinária, 2010.

OLIVEIRA, Pedro Muxfeldt. **A modernização pela metade do futebol brasileiro: Gentrificação e ataque à cultura torcedora.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2015.

SALLES, Amanda Christine Leal. **De torcedores a facções: uma análise do discurso jornalístico sobre as torcidas organizadas no Brasil.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2012

SLOTTERDIJK, Peter. **O Desprezo das Massas.** São Paulo: Estação da Liberdade 2002.

SOUTO, Pedro Affonso. **Mais Sócios, Mais Fortes: Aspectos financeiros dos torcedores nos Programas de sócio no Brasil.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade). Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2018.

SOUZA, Bruno Martins Rocha. **A transformação da torcida brasileira ao longo das décadas.** Trabalho Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2017.

TOLEDO, Luiz Henrique de. “Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990 – 2010”. In: HOLLANDA, B. de (et. al.). **A torcida brasileira.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.